



**Departamento de Arquitetura | FCTUC**

Faculdade de Ciências e Tecnologia

Universidade de Coimbra

# **Arquitetura Religiosa Contemporânea em Portugal**

## **Três Igrejas do Início do Séc. XXI**

João Miguel Castanheira Monteiro

Dissertação Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientador: Professor Doutor Arquiteto Rui Pedro Mexia Lobo

Coimbra, Julho 2013



## **Agradecimentos**

Aos meus avós e aos meus pais, pelo seu apoio incondicional e por me ensinarem, em primeira mão, a viver o espaço religioso.

À Sofia, ao Luís e à Xana por sempre me motivarem a ir mais além.

Aos meus amigos, os de sempre e os que surgiram pelo caminho, que dão vida à minha agenda e com quem fui descobrindo a arquitetura e a Fé.

Ao Professor Doutor Rui Lobo pela orientação.



## Resumo

Com o presente trabalho pretende-se uma análise reflexiva sobre a arquitetura religiosa contemporânea em Portugal. Essa análise é feita através do estudo de três igrejas construídas nos últimos 20 anos.

A escolha destas igrejas deve-se ao desejo de restringir o estudo e de procurar três casos semelhantes, em programa e dimensões. Com esse propósito foram excluídas igrejas de dimensões superiores, igrejas que não possuem complexo paroquial e também capelas.

A interação com a cidade é próxima nos três casos, bem como as soluções adotadas. As três igrejas são definidas por “jogos de volumes” que interagir a igreja e o centro paroquial, com o utilizador e com a malha urbana. Nestas igrejas é possível ver o desejo do arquiteto de criar um espaço sacro, usando a conceção arquitetónica contemporânea para possibilitar aos fiéis um espaço que, para eles, seja mais que um lugar mundano.

Estas igrejas são analisadas com base no estudo prévio do conceito de igreja. A História da arquitetura religiosa, até ao momento da construção destas igrejas, é ponto-chave que possibilita a compreensão destes espaços. A arquitetura religiosa não depende apenas da liberdade criativa do arquiteto, ela depende também de um ritual litúrgico e da fé dos fiéis que a utilizam e que atribuem significado aos espaços.

Ao estudar a arquitetura religiosa das últimas décadas, detetam-se alguns pontos de viragem na criação do espaço religioso. Os que precedem a arquitetura religiosa contemporânea são o Movimento de Renovação da Arte Religiosa, em Portugal (1952 – 1967), o Concílio do Vaticano II (1962 – 1965) e a igreja do Marco de Canaveses, do arquiteto Álvaro Siza (1992). A questão de qual a sua influência, no seu tempo, e o legado que criaram, influenciando arquitetos para lá do seu tempo, define a abordagem feita nos casos em estudo.

Qual a imagem de igreja hoje? Como se define o espaço místico nos dias de hoje? São algumas das questões sobre as quais se pretende refletir ao longo deste trabalho.

## Palavras-chave

Arquitetura Religiosa, Contemporâneo, Igreja, Interior - Exterior, Luz.



## **Abstract**

The present work aims at being a reflective analysis on the religious architecture in contemporary Portugal. The analysis is done through the study of three churches built in the last 20 years.

The choice of these particular churches aims at restricting the study, choosing three similar cases in program and dimensions. Larger churches, churches without parish complex and also chapels were excluded to serve the same purpose.

The interaction with the city is similar in all cases, as well as the solutions adopted. The three churches are defined by “a set of volumes that interacts with the user and with the urban grid. It is possible to see the architect’s desire to create a sacred space, using contemporary architectural design to offer the faithful a space that is more than a worldly place for them.

These churches are analyzed based on the previous study of the concept of church. The History of religious architecture, up to the time of construction of the churches, is a key feature that furthers the understanding of these spaces. Religious architecture depends not only on the architect’s creative freedom, it also depends on the liturgical ritual and faith of all those who use it and attach meaning to space.

By studying religious architecture of the last decades, some turning points in the creation of a religious space are detected. The ones prior to contemporary religious architecture are the Movement of Renewal of Religious Art (MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa) in Portugal (1952 - 1967), the Second Vatican Council (1962 - 1965) and The Church of Marco de Canaveses, planned by Álvaro Siza (1992). The relevance of their influence in their lifetime, and the legacy they have created, influencing architects of their time and beyond, defines the approach of this study.

What is the image of the church today? How is the mystical space defined presently? These are some of the issues which this work intends to discuss.

## **Keywords**

Religious Architecture, Contemporary, Church, Indoor – Outdoor, Light.



# Sumário

<b>Introdução</b>	1
Objetivos e motivação	1
A igreja do Séc. XXI	3
A igreja e o Homem	7
<b>Análise de três igrejas</b>	29
Capela de São José, Quebrantões, Vila Nova de Gaia	29
Igreja de Santo António, Portalegre	47
Igreja de Nossa Senhora de Lurdes, Coimbra	59
<b>Conclusão</b>	71
Forma	71
Adro	73
Entrada	73
Relação com o exterior	75
Luz	75
Conceção do espaço litúrgico	77
Adorno	79
Mobiliário	81
As igrejas para o séc. XXI	83
<b>Glossário</b>	87
<b>Bibliografia</b>	91
<b>Anexos</b>	112



# Introdução

## Objetivos e Motivações

O presente trabalho surge da necessidade de compreender a arquitetura religiosa contemporânea, o modo como a arquitetura se associa à religião, criando espaços de congregação e oração que refletem a sua época. Trata-se de um estudo, com base em três exemplos da arquitetura religiosa em Portugal, nos últimos 20 anos. Esse estudo é feito através da análise dessas igrejas, pretendendo-se observar qual o papel do arquiteto na conceção do espaço religioso. É feita uma análise da influência do arquiteto na definição do espaço religioso, bem como as implicações litúrgicas, históricas e ideológicas no seu trabalho.

As igrejas escolhidas foram alvo de análise no local, foram feitas entrevistas aos párocos responsáveis, bem como a pessoas da comunidade local. As obras foram também analisadas com base na informação recolhida sobre as mesmas e sobre a sua função, não podendo a sua análise ser dissociada da função desempenhada ou na carga simbólica associada ao espaço.

Nesse sentido, este trabalho procura perceber como é concebido o espaço religioso na contemporaneidade, qual sua autonomia em relação a anteriores soluções arquitetónicas, qual a influência dos ideais expressados pela Igreja após o Concílio do Vaticano II, qual o modo como se relaciona com a envolvente, como é feita a articulação entre os programas que contém e como a linguagem arquitetónica da igreja se define. Esta linguagem tem presente questões como a iluminação natural, relação visual com o exterior e opções materiais adotadas.



### A igreja do séc. XXI

A arquitetura religiosa sempre foi alvo de estudo e oportunidade de construir algo novo, uma oportunidade de fazer nova arquitetura. O carácter místico que as igrejas possuíam destacou-as da restante arquitetura, criando em vários arquitetos e historiadores o desejo de as analisar e compreender.

Embora no séc. XX a arquitetura civil tenha ganho destaque, os espaços religiosos continuaram a ser um ponto de reflexão e evolução artística, sofrendo alterações devido às alterações feitas no ritual litúrgico e a movimentos como o MRAR (Movimento de Renovação da Arte Religiosa).

Nesse caminho de renovação da arquitetura Luiz Cunha escreveu o livro “Arquitetura Religiosa Moderna” (1957), o MRAR publicou trinta e quatro números da sua revista (1952 – 1967), Louis Boyer escreveu o sobre arquitetura (1967) no livro do mesmo nome. Obras como estas foram alvo de estudo por vários autores, por trabalhos finais do curso de arquitetura, entre outros.

Temas como estes não ficaram esquecidos e levaram à organização de um Colóquio sobre a Arquitetura e Arte Sacra, realizado em 1998 no Mosteiro de São Vicente de Fora em Lisboa. Nesse colóquio foram abordados temas como a relação da igreja com a Cidade, por Gonçalo Byrne, a igreja de Santa Maria, Marco de Canaveses, do arquiteto Álvaro Siza, por Francisco Guedes Fornos, e a renovação feita pelo Concílio do Vaticano II, por Maria Grippa.

As reflexões feitas sobre a arquitetura, e as igrejas que foram criadas seguindo esses ideais levaram autoras como Cidália Silva a fazer a sua prova final de licenciatura em arquitetura sobre elas, fazendo assim uma análise de “Três Momentos na Arquitetura Religiosa do Séc. XX em Portugal” (1999) e mais tarde a escrever na revista ECDJ 5, dARQ-FCTUC, “apontamentos sobre a Arquitetura Religiosa do séc. XX em Portugal” (2001). O último momento referido por Cidália Silva é também tema de reflexão de Nuno Higinio, pároco dessa igreja, e do seu arquiteto, Álvaro Siza (1998) em livros como “Igreja de Santa Maria – The Church of St Mary: Marco de Canaveses / Álvaro Siza Vieira” e “Igreja de Santa Maria, Marco de Canaveses / Álvaro Siza”. Escreve Siza também sobre a igreja de sua autoria em “imaginar a Evidência” (1998) ou “Uma Questão de Medida” (2009).

O espaço religioso utiliza a luz como elemento que constrói o espaço e o define, tema estudado por vários autores como Micaela Alves Branco (2008) em “A Importância da Luz na Arquitetura Religiosa Contemporânea” ou por Rita Marques



## Introdução

Paiva (2010) em “Luz e Sombra, A estética da Luz nas Igrejas de Santa Maria e da Luz, de Siza e Ando”.

A arquitetura religiosa contemporânea é abordada de forma pontual, sendo analisada uma obra, ou fazendo uma breve análise em contexto do estudo da obra de um determinado autor, como acontece em “João Luís Carrilho da Graça: Opere e Progetti” de Roberta Albiero (2006), em que entre outros projetos é abordada a igreja por ele desenhada em Portalegre, tal como acontece no seu próprio livro, “Carrilho da Graça” (1995), com introdução de Gonçalo Byrne. O mesmo acontece na obra de José Fernando Gonçalves, sobre a qual José Manuel das Neves escreveu em “José Fernando Gonçalves \_ Habitar” (2007).

Por seu lado João Alves da Cunha, arquiteto associado ao Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura, fez uma análise das igrejas construídas na primeira década do séc. XXI, presente nos artigos publicados pelo SNPC ou em sites como [agenzia.ecclesia.pt](http://agenzia.ecclesia.pt) e [religionline.blogspot.pt](http://religionline.blogspot.pt). Nessa análise refere a igreja de Carrilho da Graça como um marco fazendo também referência ao modo como a arquitetura e teologia alemã têm estado “sempre um passo à frente”. ([religionline.blogspot.com](http://religionline.blogspot.com) 6 fevereiro 2010)

As igrejas escolhidas para análise são modelos saídos do estudo de João Alves da Cunha, e das tendências que ele identificou, aparecendo publicadas em sites como “[ultimasreportagens.com](http://ultimasreportagens.com)”, de Fernando Guerra, fotografia de Arquitetura, “[d-arco.blogspot.pt](http://d-arco.blogspot.pt)” um blog associado a uma revista de arquitetura, “[archdaily.com](http://archdaily.com)” e “[europaconcorsi.com](http://europaconcorsi.com)”.

A obra de Carrilho da Graça aparece também publicada em revistas como “Arq./A” nº 65 (2009), Lisboa, “Archinews” 10 (2004), “Casabella” nº 775 (2009), Milão, “Oris” 70 (2011), Croácia, e “C3” 312 (2012), Coreia.

A capela de José Fernando Gonçalves, publicada no “Catálogo do Segundo Prémio de Arquitetura Ascensores Enor 2006”, Vigo, na qual foi finalista, aparecendo também em revistas como “Architecture and Urbanism”, n.º 439 (2007), Tóquio, “HABITAR PORTUGAL 2003/2005”, Seleção Mapei/ Ordem dos Arquitetos (2006), Lisboa, “PISO Ciudad al Ras, Revista de Arquitetura y Cultura Urbana”, nº 09 (2006), México, “Casabella”, n.º737 (2005), Milão, e “Descontinuidade – arquitetura contemporânea, norte de Portugal”, Setembro de 2005, Porto, Civilização Editora.

A igreja de Nossa Senhora de Lurdes aparece em publicações como “ARQUITECTURA, programa, conceito, matéria”, Caleidoscópio - Edição e Artes Gráficas, SA, 2007, pp. 150-155, de José Manuel Neves, a “Nova torre de Coimbra” in *Jornal Pú-*



## Introdução

blico, Arquitetura, 4 de Dezembro 2004, pp. 19, de Ana Vaz Milheiro e [Em Linha] <http://d-arco.blogspot.pt/2009/02/barbini-arquitectosigreja.html>.

## A igreja e o Homem

Os Homens desde cedo, no percurso da História, vivem em comunidades, criando estruturas ou aproveitando estruturas naturais existentes para viver e subsistir. Nesse seu percurso de descoberta e de adaptação ao mundo, com a evolução da ciência, da arquitetura, do urbanismo, da arte ou da medicina, por exemplo, com as mais-valias e inventos que daí advieram, a sua vida tornou-se mais cómoda, com melhores condições. Durante este progresso houve sempre factos que o homem não soube explicar, em que o transcendente, o que não é deste mundo, ganha uma dimensão tal que o leva a acreditar que há algo superior ao Homem, um ente sobrenatural, um ou vários Deuses consoante as culturas.

O Cristianismo, religião que surge como uma ramificação do Judaísmo (religião de um povo que acredita ter sido o escolhido por Deus), acredita que Deus se fez homem e que veio à terra por eles, para os salvar. Essa salvação, segundo os cristãos creem, não foi feita há dois mil anos através de guerras ou de exércitos mas sim através de um Deus homem que deu o exemplo, e que através da força do exemplo os quis guiar e perdoar dos pecados cometidos na vida através da Sua morte, estando essa salvação ao alcance de todos quantos fossem batizados em seu nome e procurassem os valores e ensinamentos que ele pregou. “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim.” (João 14, 16)

O Cristianismo começou por ser pregado nos templos judaicos, que eram desenhados segundo as indicações dos profetas, homens com quem Deus falava.<sup>1</sup> Nos primórdios do Cristianismo Jesus pregava por onde andava, tendo em algumas situações pregado os seus ensinamentos no templo, por volta dos anos 30 da nossa era. Na Bíblia, compilação dos livros que falam da vida de Jesus e da Aliança entre Deus e os homens, aparece definido a Igreja enquanto comunidade, o conjunto de seguidores de Cristo que se reúnem num determinado local para adorar a Deus, receber ensinamentos, evangelizar e ajudar os outros.<sup>2</sup>

Após a morte de Jesus, essa Igreja em formação começou então a reunir diariamente, no templo, partilhando o pão e louvando a Deus, celebrando os primeiros

---

1 - BÍBLIA. Livro do Êxodo 39 e 40, Actos 7, 44 - 50.

2 - BÍBLIA. Rom 16; I Cor. 12.

3 - BÍBLIA. Act. 2, 46-47.



Figura 1  
Sé Velha (1139), Coimbra.

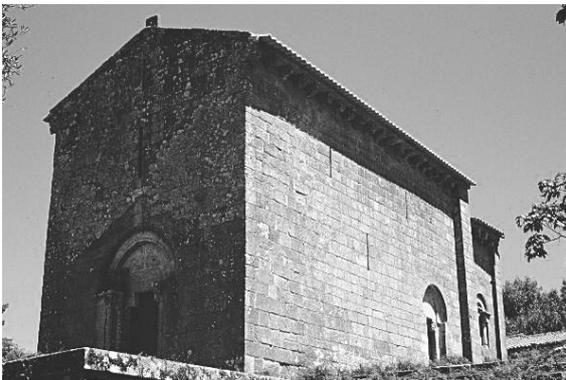


Figura 2  
Igreja de São Fins de Friestas (1221),  
Vila Viçosa do Castelo.



Figura 3  
Igreja de Nossa Senhora da Assun-  
ção (1279), Alvito.

## Introdução

rituais litúrgicos cristãos. Com o passar do tempo, os cristãos voltaram a ser perseguidos, facto que já se tinha verificado em vida de Jesus, e embora tivessem continuado a pregar no templo<sup>4</sup> acabaram por ter que o abandonar e começar a reunir em segredo, em locais escondidos, abandonando desse modo os templos.

Embora clandestino, o Cristianismo difundiu-se por vários países, e contínuos, através da estrutura viária e de ligações marítimas existente nesse tempo. O império romano do oriente e do ocidente estava estabelecido e a sua infraestrutura de comunicação possibilitava a circulação de bens e de pessoas. Com Constantino, imperador Romano, o cristianismo passou a ser uma religião autorizada pelo Império Romano, édito de Milão 313, diminuindo assim as perseguições. O Cristianismo passou a ser a religião oficial do Império Romano com o imperador Teodósio, em 380, édito de Tessalónia. Na Península Ibérica, que se encontrava sobre o domínio do império romano, o território estava coberto por essas infraestruturas e dividido em províncias. Essa rede de circulação possibilitou, alguns séculos mais tarde, um sistema eficiente de invasão do território para os povos muçulmanos, que controlariam a Península desde o início do séc. VIII. A reconquista Cristã do território peninsular, começada no séc. VIII, só foi concluída sete séculos mais tarde, em 1492, com a conquista de Granada, embora o território português tenha sido reconquistado na sua totalidade em 1249.

Neste processo de reconquista que se deu na Península, e na construção defensiva que esta implicou nas cidades, para “defesa do território, (...) perdeu-se o sentido urbano que os romanos deixaram nas suas províncias. (...) Um fenómeno de retração física caracterizou, assim, as cidades da Península”.<sup>5</sup> Este fenómeno levou a que o conceito urbano e económico das cidades se alterasse, sofrendo um processo de retrocesso, físico e mental, que levou à transformação de um espaço de carácter urbano em carácter rural.<sup>6</sup> “A manutenção das características urbanas das cidades (...) no Norte da Península Ibérica, fez-se à custa de dois sistemas – o Cristianismo, pela aglutinação populacional em torno de uma forte estrutura religiosa, e o Feudalismo, pela atribuição a figuras tutelares de urbes militarizadas para domínio e defesa de vastos territórios agrícolas na reconquista cristã.”<sup>7</sup> No Sul da Península

---

4 - BÍBLIA. Actos 5, 17-42.

5 - Grande, Nuno – O verdadeiro mapa do universo. E|d|arq, Gráfica de Coimbra, Lda, Coimbra, 2002. p. 33.

6 - Grande, Nuno – O verdadeiro mapa do universo. E|d|arq, Gráfica de Coimbra, Lda, Coimbra, 2002. p. 33.

7 - Grande, Nuno – O verdadeiro mapa do universo. E|d|arq, Gráfica de Coimbra, Lda, Coimbra, 2002. p. 33.



Figura 4  
Igreja de Santa Cruz (1280),  
Santarém.



Figura 5  
Antiga igreja Matriz (1384),  
Lourinhã.



Figura 6  
Mosteiro da Batalha (Séc. XV),  
Batalha.

## Introdução

as cidades não perderam o seu carácter urbano devido ao conceito de cidade e de comunicação dos povos que ocupavam esse território.

Essa autonomia local tirou partido das estruturas romanas pré-existentes, adaptando-as. A estrutura cristã deriva do sistema romano de províncias, derivando daí as cidades episcopais, onde viviam os bispos responsáveis por essa província, a diocese. Essas cidades, das quais são exemplo Braga, Lamego, Viseu, Porto, Coimbra, Idanha, Faro, Beja, Évora e Lisboa, eram muralhadas e desenvolviam-se em locais estratégicos de defesa, mantendo-se os equipamentos romanos, ainda existentes, no exterior da cidade.

Na definição do desenho urbano as igrejas bem como os conventos, tinham um papel importante na organização do espaço público. A criação de paróquias fora das cidades muralhadas, em torno de um espaço religioso, possibilitava um local de refúgio, um local de oração ou como aconteceu durante a reconquista cristã, um marco da presença cristã no território e um ponto de defesa contra eventuais invasões. Os espaços abertos em frente a estes pontos eram utilizados para fazer feiras ou para realizar encontros da comunidade. Esses adros, ou terreiros, bem como as cercas dos conventos seriam em alguns casos, séculos mais tarde, adaptados a outras funções ou entregues à cidade, possibilitando assim a renovação urbana.

A Igreja, enquanto edifício celebrativo, assumiu várias formas e desenhos, tanto de organização interna como urbana, dependendo do seu tempo ou da ordem religiosa específica a que pertenciam.

Enquanto no período românico as igrejas se assumiam com uma forma herética por serem ao mesmo tempo um edifício defensivo, no período gótico estas afirmavam a presença da Igreja enquanto instituição na sociedade, destacando-se mais da arquitetura envolvente. No período Manuelino foi feita uma remodelação urbana, como aconteceu em Coimbra em 1498, quando se alargou o espaço envolvente da Sé Velha de modo a reforçar a sua ligação com o Arco da Almedina.

No período da Contra-Reforma a Igreja teve um papel importante e impulsionador, definindo o espaço urbano com os seus colégios e assumindo um papel importante na formação académica.

É possível ver essa influência em Coimbra na rua da Sofia, com os seus vários colégios, e na igreja do colégio da Companhia de Jesus, agora Sé Nova. Este último caso assume a igreja como uma instituição superior às demais, escolhida por Deus, para guiar os homens a Ele, como acontece em vários casos de igrejas, sendo estes edifícios desenhados com um carácter autónomo em relação à envolvente e monu-



Figura 7  
Igreja dos Loios (1491),  
Évora.



Figura 8  
Igreja de São Francisco (1502),  
Serpa.



Figura 9  
Colégio de Jesus/Sé Nova (1560),  
Coimbra.

## Introdução

mental. Grande parte das igrejas apresentavam esta relação com a envolvente, mas o modo como a monumentalidade de igrejas como a Sé de Leiria, a Sé de Miranda do Douro ou a Sé de Portalegre se desenvolvem na malha urbana envolvente, torna-as um elemento urbano de destaque. Tal facto é visível também em igrejas da Companhia de Jesus do mesmo período.

No séc. XVIII, com a expulsão da Companhia de Jesus de Portugal por ação do Marquês de Pombal, e no séc. XIX com a extinção das ordens religiosas, em 1834 aquando da consolidação do regime liberal em Portugal, muitos destes conventos, mosteiros e igrejas foram adaptados a outras funções e serviços. São exemplo disso a reutilização do Colégio Jesuíta, de Coimbra, para espaços de ensino e laboratórios de investigação da Universidade, bem como as cercas do mosteiro de Santa Cruz, também em Coimbra, que foram convertidos na avenida nova da cidade, hoje avenida Sá da Bandeira, e no Jardim da Sereia, constituindo assim um espaço de progresso urbano e adaptação da cidade aos novos ideias urbanos. A essa expropriação escaparam as igrejas e capelas que pertenciam às paróquias, que não estavam associadas a ordens religiosas.

Entre igrejas monumentais e igrejas de dimensão mais rural a igreja foi se mantendo até ao séc. XX, assumindo como um edifício de exceção, destacado da envolvente, em que a sua organização interna, devido ao ritual litúrgico, era concebida para contemplação do ritual, que era celebrado em latim pelo ministro. Este celebrava de costas para a assembleia, adorando a Deus, voltado para o altar, havia pois uma clara distinção entre o papel do ministro celebrante e o da assembleia. Sendo possível encontrar diversas soluções arquitetónicas, passando pelo neomedieval, o neoclássico e o neogótico, entre outros.

No início do séc. XX, surge em Portugal a primeira igreja do movimento moderno da arquitetura, a igreja de Nossa Senhora de Fátima, em Lisboa, do arquiteto Pardal Monteiro. Esta igreja, construída entre 1934 e 1938, utiliza os materiais da sua época para redesenhar os elementos tradicionais de igreja. Afirma-se como uma igreja de planta basilical, com arcos torais apontados a definirem a sua abóbada, recorrendo a esculturas em baixo relevo e a vitrais para adornar o seu espaço, com uma torre na fachada principal e possuindo uma clara distinção da cabeceira em relação ao corpo, tanto fisicamente como através do uso da luz. Esta igreja afirma-se como um edifício de exceção, pelos materiais utilizados e pelos artistas envolvidos na sua conceção, embora as suas formas ainda derivam de um ritual pré-conciliar.

Comparando esta igreja com a igreja de St. Fronleichnam, de 1930, em Aachen,



Figura 10 e 11  
Fachada e Interior da Igreja de Nossa Senhora de Fátima (1938), Lisboa.

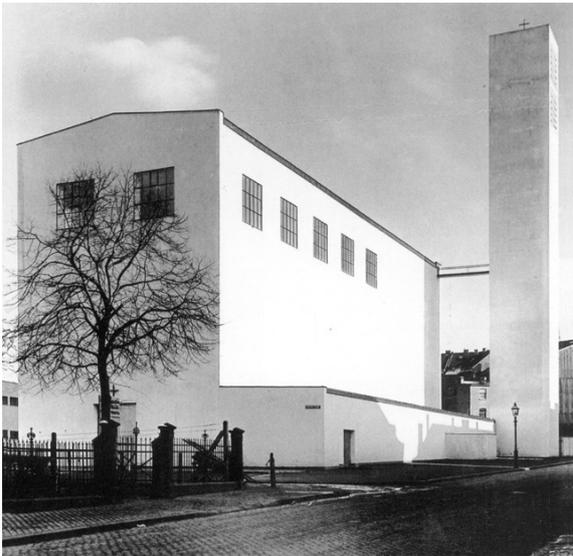


Figura 12 e 13  
Fachada e interior da Igreja de St. Fronleichnam (1930), Aachen, Alemanha.



## Introdução

Alemanha, do arquiteto alemão Rudolf Schwarz, é possível ver o avanço teológico e arquitetónico alemão, que João Alves da Cunha refere ao justificar a importância que a arquitetura alemã teve na evolução da arquitetura religiosa contemporânea e na mudança de pensamento litúrgico.<sup>8</sup> Esta tendência revivalista, de desenhar espaços litúrgicos tradicionais, dotando-os de elementos contemporâneos, manteve-se por várias décadas, sendo possível constatá-lo nas igrejas de São João de Deus (1953), em Lisboa, do arquiteto António Lino, e de São João de Brito (1955), em Lisboa, do arquiteto Vasco Morais Palmeira.

Contemporâneo das igrejas anteriormente referidas, surgiu também em Portugal um grupo de artistas e arquitetos cristãos, padres e seminaristas, interessados em refletir e alterar o modo de fazer arte sacra em Portugal dando-lhe maior qualidade. Esse grupo, chamado de Movimento de Renovação da Arte Religiosa em Portugal (MRAR), nasce em Outubro de 1952, fruto da formação académica dos seus membros e da consciência crítica da arte sacra que daí advinha, pelo contacto com outros movimentos semelhantes que estavam a acontecer em países como a Alemanha, Itália, França e Suíça, e pelo desejo de dotar a arquitetura religiosa e a arte sacra de uma “nova vivência comunitária e litúrgica da fé” bem como de uma “maior dignidade e qualidade plástica.”<sup>9</sup>

O MRAR constitui dessa forma um ponto de viragem na conceção do espaço religioso em Portugal, tendo o seu processo de viragem começado na exposição por eles organizada, “Arquitetura Religiosa Contemporânea”, na galeria anexa à igreja de São Nicolau, Lisboa, em que estavam expostos desenhos, fotografias e maquetas de igrejas contemporâneas com as quais se identificavam e viam qualidade arquitetónica. O catálogo desta exposição serviu de manifesto ao seu movimento e foi seguido de três séries de boletins formativos, que tinham como função difundir o que se fazia de melhor a nível de arte sacra.

Este movimento contava com membros como António Freitas Leal, Diogo Lino Pimentel, Nuno Teotónio Pereira, Luiz Cunha, Nuno Portas, Padre João de Almeida, Erich Corsépius, Manuel Cargaleiro, José Escada, entre outros, que além de terem escrito para os boletins participaram nos eventos, workshops, debates e exposições organizados pelo MRAR.

---

8 - RELIGIONLINE. “As igrejas do século XXI são caixas, brancas e minimais” [Em Li-nha] <http://religionline.blogspot.com/2010/02/as-igrejas-do-seculo-xxi-sao-caixas.html> [Consult. 25 Mar. 2012]

9 - Pereira, José Carlos Francisco – “O Movimento de Renovação da Arte Religiosa e o papel artístico e pastoral do seu boletim” [Em Linha] [http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/4452/1/LS\\_S2\\_12\\_JoseCFPereira.pdf](http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/4452/1/LS_S2_12_JoseCFPereira.pdf) [Consult. 5 Nov. 2011]



Figura 14  
Igreja de São João de Deus (1953),  
Lisboa.



Figura 15  
Igreja de São João de Brito (1955),  
Lisboa.

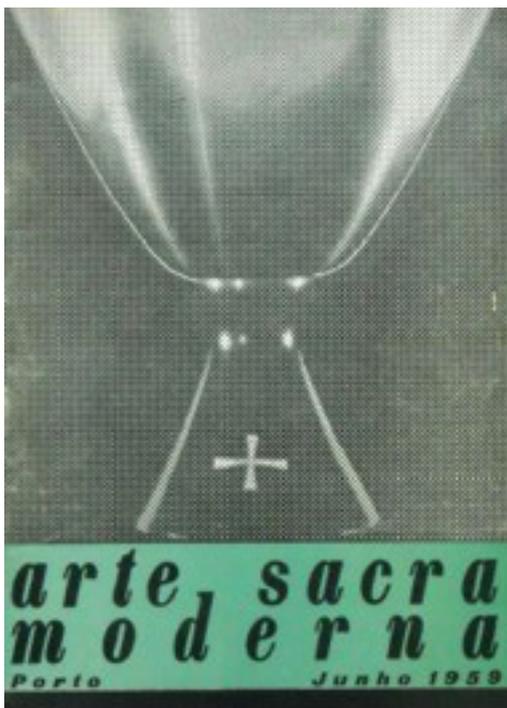


Figura 16  
Capa Boletim Junho 1959, MRAR,  
Porto.

## Introdução

O MRAR lançou o seu último boletim em 1967, o qual abordava três temas: “presença da Igreja na sociedade em trânsito”; “Os edifícios sagrados da era pós-conciliar” e “A arte religiosa como serviço e como expressão artística.” Este foi o seu último número por considerarem que a arte sacra tinha tomado a direção que eles pretendiam e que os textos do Concílio do Vaticano II respondiam às preocupações que pretendiam abordar.

Este movimento, e as suas ações, não tiveram o impacto, nem a receção, que pretendiam no público, não tendo “o debate, o cuidado estético, e teológico, da arte e arquitetura religiosa por ele proporcionados, ao longo de quase duas décadas” voltado a existir, em Portugal.<sup>10</sup>

O Concílio do Vaticano II, iniciado em 1962 com o Papa João XXIII e estendendo-se até 1965 com o Papa Paulo VI, abordou vários temas e preocupações da Igreja, saindo dele 4 constituições, 9 decretos e 3 declarações. Os temas abordados neste concílio abrangiam temas vastos como o papel dos leigos na Igreja, e temas mais concretos como o ritual litúrgico ou o papel dos artistas na evangelização.

“Com o Concílio o que se alterou, principalmente, foi o paradigma do pastor que anda à frente do seu rebanho, que o segue, para o presidente, alguém que se vira para a assembleia e que preside a celebração”,<sup>11</sup> deixando a assembleia de assumir um papel de espectador para passar a assumir um papel de participante.

Da vontade de dotar a arte sacra, e toda a arte que possa servir de testemunho de fé, a Igreja expressou a necessidade de criar uma Secretaria para a Pastoral da Cultura, que se tornasse um meio de apoio às artes, possibilitando também a divulgação de conteúdos culturais ligados a Cristo, que transmitissem do melhor modo a mensagem à sociedade contemporânea. Foi desse modo e com esse objetivo que o Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura foi criado.

Esta vontade de dotar a arte, bem como a arquitetura, de um carácter contemporâneo é complementada com o desejo de manter vivas as tradições culturais de cada país ou região. “ A necessidade de construir e decorar novas igrejas exige uma reflexão aprofundada sobre o significado da igreja como lugar sagrado, e a importância da liturgia.”<sup>12</sup>

Desse desejo de aproximar os fiéis do ministro celebrante, integrando mais a

---

10 - Cunha, João Alves da - “A renovação (de novo) presente” SNPC [Em Linha] [http://www.snpcultura.org/obs\\_13\\_a\\_renovacao\\_de\\_novo\\_presente.html](http://www.snpcultura.org/obs_13_a_renovacao_de_novo_presente.html) [Consult. 19 Out. 2012]

11 - Fonseca SJ, Gonçalo Castro; Cumn, Coimbra, 22 Nov. 2012

12 - CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A CULTURA. “Para uma Pastoral da Cultura” [Em li-nha] [http://www.snpcultura.org/quem\\_somos\\_identidade.html](http://www.snpcultura.org/quem_somos_identidade.html) [Consult. 3 Fev. 2012]



Figura 17  
Igreja de Santo António, Moscavide  
(1957), Loures.



Figura 18  
Igreja das Águas (1957), Penamacor.

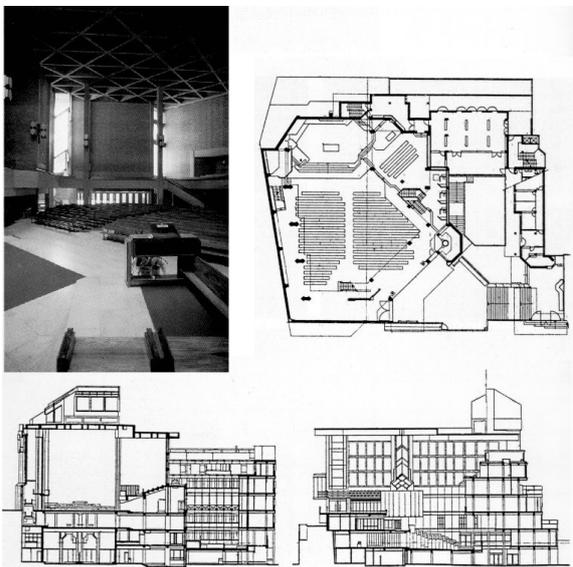


Figura 19  
Fotografia Interior, Plantas e Cortes,  
Igreja do Sagrado Coração de Jesus,  
Lisboa.

## Introdução

assembleia na celebração, bem como do desejo de juntar a vida sacra à vida mundana, surgem a partir dos anos 50 do séc. XX, igrejas que quebram com a arquitetura religiosa que se fazia em Portugal até ao momento. A igreja de Moscavide (1957), em Loures, dos arquitetos António Freitas Leal e padre João de Almeida é das primeiras igrejas em Portugal a atribuir grande importância ao funcionamento da igreja e ao ritual litúrgico, tornando-se essa importância o facto principal de conceção do espaço, considerando por isso Nuno Portas que a solução adotada se torna arquitetonicamente frágil perdendo o arquiteto a sua liberdade criativa.<sup>13</sup>

A igreja das Águas (1957), Penamacor, do arquiteto Nuno Teotónio Pereira, é um exemplo de igreja que realiza uma inserção real no contexto físico envolvente, não descuidando a vertente cultural, isto através do seu desenho e dos materiais vernaculares adotados.

A igreja do Sagrado Coração de Jesus, consagrada no final dos anos 60, em Lisboa, dos arquitetos Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas, é um dos marcos mais referidos por arquitetos e teólogos em relação à arquitetura da segunda metade do séc. XX. A conceção desta igreja atribuiu grande importância ao novo ritual litúrgico e à inserção do conjunto igreja e centro paroquial no lote urbano, bem como a outros ideais defendidos pelo MRAR e pelo Concílio do Vaticano II.

Nela é possível ver uma integração com a envolvente urbana, sobretudo por via da articulação da igreja com o centro paroquial, não sendo a igreja um edifício monumental de exceção. A igreja e o centro paroquial são parte integrante do quarteirão e definem percursos urbanos e espaços de lazer/encontro. Esta igreja cria um percurso de acesso feito por vários pátios, a cotas diferentes, que fazem a transição entre o espaço profano e o espaço sacro. Esses mesmos espaços intermédios vão possibilitando o acesso aos espaços dedicados a funções de carácter social.

A conceção das igrejas deste período não se preocupa apenas com a conceção do funcionamento litúrgico, atribuindo também grande importância à qualidade arquitetónica do espaço, seja nas formas adotadas e sua relação com o utilizador, como na sua relação com a cidade e a envolvente próxima. São exemplo dessa linha de pensamento, que não descuida necessidade de traduzir na sua forma um “espaço significativo”<sup>14</sup>, deixando-se influenciar pelo contexto em que se insere e sendo ao mesmo tempo uma influência para o mesmo, a igreja de Paço D’Arcos (1968), Oeiras,

---

13 - Silva, Cidália Maria Ferreira da – Três momentos da arquitetura religiosa do séc. XX em Portugal. Coimbra 1999. Prova Final de Licenciatura em Arquitetura, dARQ-FCTUC. P. 73.

14 - Silva, Cidália Maria Ferreira da – Três momentos da arquitetura religiosa do séc. XX em Portugal. Coimbra 1999. Prova Final de Licenciatura em Arquitetura, dARQ-FCTUC. P. 74.



Figura 20  
Maquete da Igreja do Sagrado  
Coração de Jesus (anos 60), Lisboa.



Figura 21  
Igreja de Paço D'Arcos (1968),  
Oeiras.



Figura 22  
Igreja do Carvalho (1969),  
Cedofeita, Porto.

## Introdução

do padre João de Almeida; a igreja do Carvalhido (1969), Cedofeita, Porto, do arquiteto Luiz Cunha e a igreja do centro paroquial da Boidobra (anos 70), do arquiteto Nuno Teotónio Pereira.

Devido a estes desejos de conceção do espaço sacro que refletisse o novo espaço religioso, surgiram vários tipos de igrejas, com as suas formas e organizações espaciais que pretendiam aproximar a assembleia e o presbitério. Surgiram soluções de planta longitudinal em que o altar se localizava no centro do espaço litúrgico ou o espaço era dividido em dois, um espaço de dimensões menores de carácter sacro e um espaço de maiores dimensões, separado do primeiro por painéis que se podem abrir criando um novo de carácter polivalente. Há também igrejas de formas poligonais, que se assemelham aos anfiteatros romanos em planta, e em alguns casos, como na igreja do Sagrado Coração de Jesus, a existência de dois níveis para a assembleia, a cotas diferentes.

Dos espaços concebidos nos anos 60 e 70 como igrejas-salão, são exemplo a antiga igreja de Nossa Senhora de Lurdes, em Coimbra, e a igreja do centro paroquial da Boidobra, esta segunda, desenhada pelo arquiteto Teotónio Pereira, pretendia assumir-se como um espaço polifuncional, em que o altar fosse móvel, de modo a poder assumir diferentes utilizações e organizações internas. Tal desenho não se realizou porque as autoridades eclesásticas responsáveis pela aprovação do mesmo não consideraram que tal fosse uma solução digna para o espaço.

No decorrer dos anos 70 e 80 do séc. XX a arquitetura religiosa portuguesa assumiu uma diversidade de soluções, desde as revivalistas até às soluções que pretendiam dar seguimentos aos ideais pós-conciliar, mas foi com Álvaro Siza, como afirma Gonçalo Byrne, que se “restabelece a arquitetura como atividade eminentemente artística, poética e interrogativa, tão íntima como um caderno, tão universal como as relações que constrói. Este subjetivismo compositivo contraposto à complexidade do real construído nunca se tinha colocado com esta clareza em arquitetura.”<sup>15</sup> É nesse sentido que surge a igreja de Santa Maria, no Marco de Canaveses, projeto começado em 1990 e concluído em 1996.

Álvaro Siza tem a oportunidade de desenhar o espaço litúrgico numa altura em que as preocupações levantadas no período pós-conciliar foram tomando um papel secundário e em que os eventos organizados pelo MRAR já tinham terminado há vários anos. Como consequência podia refletir sobre o modo de fazer igreja sem

---

15 - Graça, João Luís Carrilho da – Carrilho da Graça: Introdução Gonçalo Byrne. Blau, Lisboa, 1995. P. 8.



Figura 23  
Vista aérea igreja de Santa Maria  
(1996), Marco de Canaveses.



Figura 24 e 25  
Interior e fachada principal, igreja  
de Santa Maria (1996), Marco de Ca-  
naveses.



Figura 26  
Alçado Sul, igreja de Santa Maria  
(1996), Marco de Canaveses.

## Introdução

influências constantes. Nesse processo, em conjunto com o pároco local, Nuno Higinio, e com um conjunto de outros teólogos e especialistas da liturgia, procuraram compreender o funcionamento da celebração eucarística e as suas necessidades.

Olhando a igreja de Santa Maria, do Marco de Canaveses, é possível perceber que o funcionamento da celebração eucarística está presente, mas que o seu funcionamento não foi condicionante na conceção do espaço. Esta igreja apresenta de forma clara elementos tradicionais de igreja, a estrutura tripartida da fachada, com duas torres na fachada principal, a cabeceira que fecha o volume da igreja e que ganha autonomia volumétrica e o pórtico de entrada que manifesta a dimensão da igreja e a dimensão espiritual do espaço em que se vai entrar, a grandiosidade da casa de Deus. Estes fatores em conjunto com a implantação da mesma, que se destaca da envolvente e que em conjunto com os seus serviços complementares criam um adro à sua frente, dotam esta igreja de um carácter objetual. Essas características, que poderiam levar a concluir que este seria um processo de regresso à arquitetura pré-conciliar, é quebrado quando se entra na igreja e se percebe a sua relação com as igrejas pós-conciliares, com um espaço interior unificado, sendo esta igreja um conjunto de elementos dos dois períodos.

Os elementos históricos da arquitetura religiosa são assim reinterpretados, adaptando-os à arquitetura contemporânea, fazendo assim a ponte entre a história da arquitetura e o novo ritual litúrgico que as igrejas dos anos 50 e 60 não conseguiram fazer. A igreja que pelo exterior aparenta ser um espaço retilíneo dividido interiormente, transforma-se num interior unificado, pela escolha dos materiais e pela luz, tal como é possível ver na Catedral de Los Angeles (1997) de Rafael Moneo ou na igreja de Cascina Bianca (1990), Milão, Aldo Rossi.

Siza pensa a igreja como um lugar sagrado, em que todos os elementos são pensados pela carga simbólica que têm, desde a torre que alberga a capela batismal, a parede curva que segundo ele simboliza a Cristo a encarnar no seio da Virgem Maria, ao altar que se fecha com duas portas de luz. Esta igreja não se fecha à mistificidade, mas não chega a ela através do desenho de um espaço sombrio ou de grandes vitrais mas através de pormenores ou da relação entre eles, não se fechando do mundo mas abrindo-se para ele.<sup>16</sup>

Se como Fernando Távora afirmava, “as formas devem agradar a uma socie-

---

16 - Siza, Álvaro; Higinio, Nuno – Igreja de Santa Maria, Marco de Canaveses: Álvaro Siza. Francisco Guedes, Marco de Canaveses, Paróquia de Santa Marinha de Fornos, 1998.

17 - Távora, Fernando – Da organização do espaço. 8ª Ed. Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Inova / Artes Gráficas, Porto 2008.



Figura 27  
Catedral de Bragança (2001),  
Bragança.



Figura 28  
Maqueta igreja de São Francisco  
Xavier (2011), Restelo.



Figura 29  
Capela de São José (2005),  
Quebrantões, Vila Nova de Gaia.



Figura 30  
Igreja da Santíssima Trindade  
(2008), Fátima.

## Introdução

dade, e não a um homem”<sup>17</sup> como é que a igreja contemporânea se define? Quais as formas que perderam significado, ou função e foram trocadas por outras?<sup>18</sup> A igreja, na contemporaneidade, aparece definida por uma diversidade de soluções mas que a tendência é serem vistas como “caixas, brancas e minimalistas.”<sup>19</sup>

Tendo a arquitetura religiosa sido ao longo dos tempo, o objeto primordial para desenhar espaços místicos, e um meio capaz de capacitar a evolução da arte e da arquitetura, ainda hoje se pode ver o modo como ela se torna num espaço místico ou de experimentação que não quer “provocar emoções, (...) mas sim permitir emoções.”<sup>20</sup>

É desse modo que nos últimos anos aparecem uma diversidade de soluções, que variam em tamanho e complexidade de programa, de capelas de pequenas dimensões a complexos paroquiais não esquecendo capelas mortuárias ou igrejas para conventos. Alguns desses projetos assumem um carácter revivalista como a Catedral de Bragança do arquiteto Luís Vassalo Rosa (2001), outras geram polémicas pelo seu desenho pós-moderno como a igreja do Restelo, do arquiteto Troufa Real (2011) que tem a forma de uma caravela adossada a um torreão, pretendendo desse modo ser uma alegoria à vida de São Francisco Xavier. Embora isto aconteça a tendência geral é para “o minimalismo cúbico, branco, em betão, numa caixa ou composição de caixas.”<sup>21</sup>

É nesse ideal de reinterpretar a arquitetura religiosa, adaptando-a aos materiais utilizados na arquitetura contemporânea, dotando-a de uma misticidade única destes espaços que surgem igrejas como a do Convento de São Domingos (2005), em Lisboa, dos arquitetos José Fernando Gonçalves e João Paulo Providência; a capela de São José (2005), em Quebrantões, Vila Nova de Gaia, do arquiteto José Fernando Gonçalves; a igreja da Santíssima Trindade, no Santuário de Fátima (2008), do arquiteto Alexandre Tombazis; a igreja de Santo António (2008), no bairro dos Assentos, Portalegre, do arquiteto João Luís Carrilho da Graça; a igreja da Boa Nova (2009), no Estoril, da arquiteta Roseta Vaz Monteiro; a igreja de Nossa Senhora das Necessidades (2011), em Chãs, Leiria, das arquitetas Célia Faria e Inês Cortesão; e a igreja de Nossa Senhora de Lurdes (2011), em Coimbra, do arquiteto Flavio Barbini.

---

18 - Távora, Fernando – Da organização do espaço. 8ª Ed. Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Inova / Artes Gráficas, Porto 2008. P. 40.

19 - RELIGIONLINE. “As igrejas do século XXI são caixas, brancas e minimais” [Em Li-nha] <http://religionline.blogspot.com/2010/02/as-igrejas-do-seculo-xxi-sao-caixas.html> [Consult. 25 Mar. 2012]

20 - Zumthor, Peter – Pensar a arquitetura. Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona, 2009. P. 29.

21 - RELIGIONLINE. “As igrejas do século XXI são caixas, brancas e minimais” [Em Li-nha] <http://religionline.blogspot.com/2010/02/as-igrejas-do-seculo-xxi-sao-caixas.html> [Consult. 25 Mar. 2012]



Figura 31  
Igreja de Santo António (2008),  
Portalegre.



Figura 32  
Igreja da Boa Nova (2009),  
Estoril.



Figura 33  
Interior igreja de Nossa Senhora das  
Necessidades (2011), Chãs, Leiria.



Figura 34  
Igreja de Nossa Senhora de Lurdes  
(2011), Coimbra.

## **Introdução**

O modo como estes espaços articulam com a sociedade do seu tempo e influenciam a sua vida espiritual ou não, é a motivação para este trabalho académico, procurando através de três das igrejas anteriormente referidas, compreender como cada uma delas desenvolve a sua própria identidade e como se definem como espaço religioso, distinguindo-os da restante arquitetura. Pela importância a elas atribuída por outros arquitetos, publicações de arquitetura, culturais ou religiosas, as igrejas que se destacaram para estudar a arquitetura religiosa dos últimos vinte anos foram a igreja de Santo António em Portalegre, a capela de São José em Vila Nova de Gaia e a igreja de Nossa Senhora de Lurdes em Coimbra.

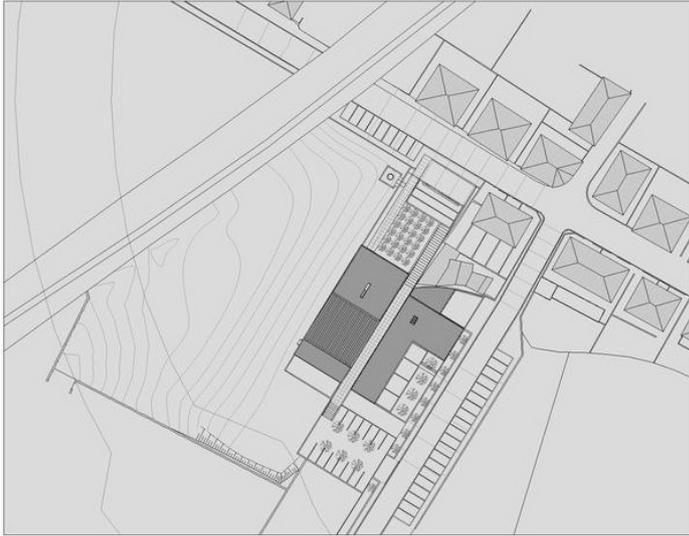


Figura 35  
Planta de Localização  
da capela de São José.



Figura 36  
Capela de São José.

# Capela de São José

## Quebrantões, Vila Nova de Gaia

### Arq. José Fernando Gonçalves

#### Introdução à obra

Esta capela projetada em 2002, construída entre 2003 e 2005, é uma obra do arquiteto José Fernando Gonçalves. Esta foi encomendada pelo Pároco de Oliveira do Douro, Avelino Jorge Soares, está localizada em Quebrantões, Vila Nova de Gaia, tendo capacidade para cerca de 220 pessoas sentadas. Pelas suas dimensões esta capela poderia ser designada por igreja, mas por ser parte integrante de uma paróquia funciona como uma capela da paróquia de Oliveira do Douro, sendo apenas utilizada para algumas celebrações e para aulas de catequese.

Ao desenhar esta capela o arquiteto quis que ela estruturasse o espaço que a rodeia, definindo caminhos e atribuindo um local de encontro às pessoas desta zona periférica. O programa encomendado pela Fábrica da Igreja da paróquia de Oliveira do Douro, e que constituiu o complexo paroquial da capela de São José, foi: “espaço para celebração eucarística, pia batismal, capela mortuária, salas de catequese e salão polivalente.”

O lote, onde se insere este complexo, é definido pelo cruzamento entre a avenida João XXI e a via-férrea a Oeste e pelo cruzamento entre a via-férrea e a rua Alfredo Faria Magalhães a Norte. Os afastamentos necessários a estas vias, linha férrea e avenida João XXI, levam a que o programa se estabelecesse no limite Este do lote.

Para proteger o programa do ruído circundante, o projeto é como que escavado, sendo seguidamente dividido em dois através de um percurso pedonal, criado com a “esperança de diminuir o isolamento da população e de assegurar uma urbanidade vindoura”<sup>1</sup>, que faz a separação entre a capela e o centro de apoio paroquial.

Os muros de betão que fazem a contenção de terras e que protegem a capela e os programas complementares do ruído circundante, definem um espaço público de acesso no seu extremo nascente e poente. É através desse espaço a nascente que se acede à entrada principal.

---

1 - Neves, José Manuel das Neves – José Fernando Gonçalves – Habitar. Caleidoscópio – Edição de Artes Gráficas, SA, Casal de Cambra, 2007. P. 6-7.

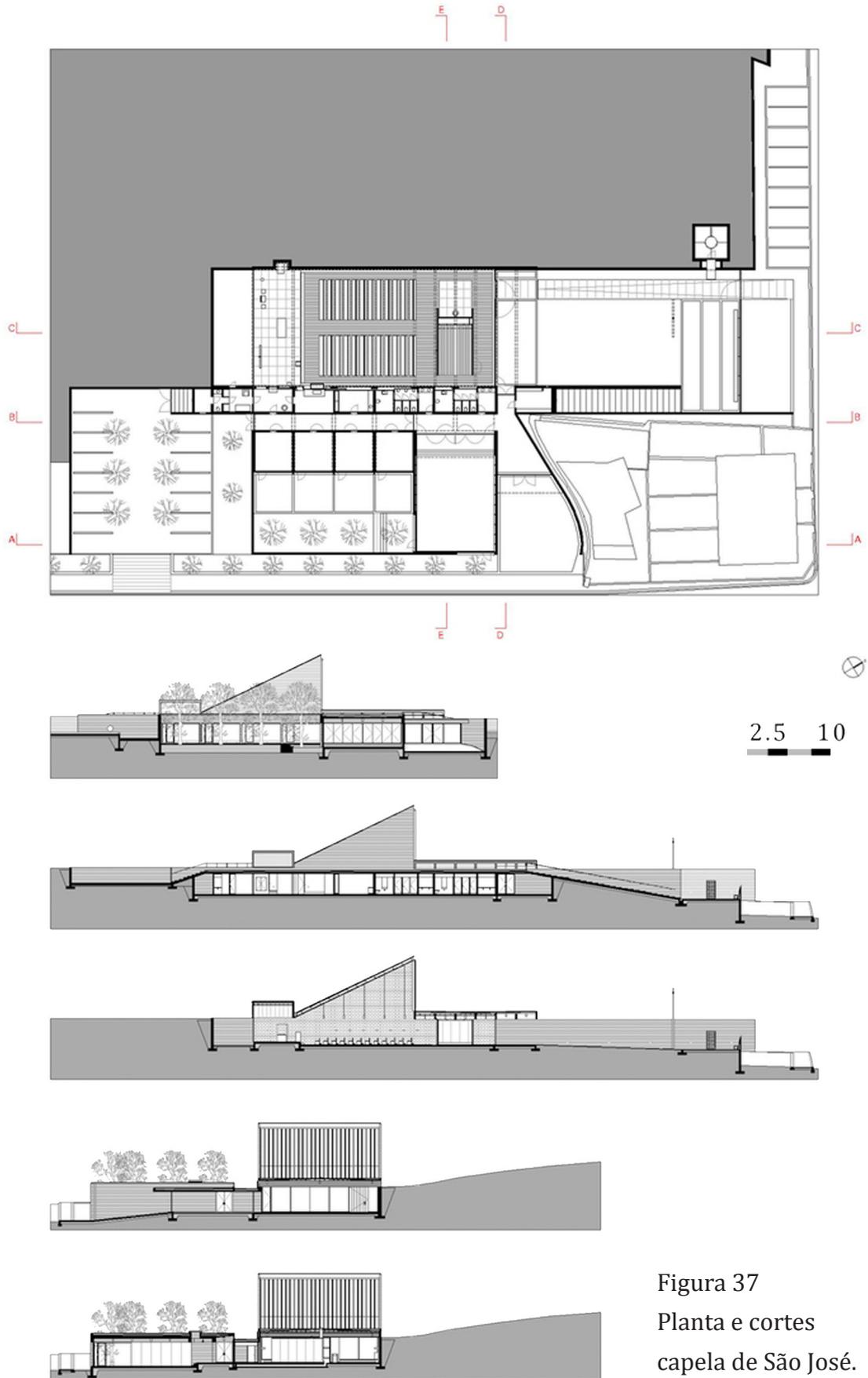


Figura 37  
 Planta e cortes  
 capela de São José.

## Análise da obra

Ao fazermos a nossa aproximação à capela por Norte ou Este, rua Alfredo Faria Magalhães, apenas temos consciência da existência da capela quando estamos na proximidade do lote, o seu afastamento da rua não nos permite perceber antes, a sua existência. Ao ver a cruz de ferro, de quase sete metros de altura, é um sinal imediato de que estamos a aproximar-nos de um espaço religioso.

O adro da igreja, através da sua inclinação, faz a articulação com a rua que limita o lote neste extremo, resolvendo assim a diferença de cotas existentes neste ponto. No limite norte do adro a diferença de cotas é de cerca de um metro mas no limite nascente chega aos três metros.

O lado Norte e Sul deste adro são delimitados por paredes de betão, a Norte faz a contenção de terras e tem em si uma pequena reentrância, como se de uma pequena gruta se tratasse, e a parede a Sul, que termina a Este com o sino, presente na história da arquitetura religiosa há séculos, tem como função chamar as pessoas para a missa, ou em algumas comunidades eclesiais transmitir mensagens ou chamar para as orações. Noutros tempos, em aldeias e cidades, tinham também como função alertar as pessoas para um eventual perigo e comunicar outras situações, como casamentos, mortes, etc... Este muro serve também para fazer a articulação com o caminho pedonal que atravessa o programa e o divide em duas zonas, fazendo ao mesmo tempo a articulação entre o adro e o estacionamento existente a Sul do complexo.

A “gruta” anteriormente referida possui uma abertura zenital, alinhada com uma pequena fonte que é cheia pelas águas pluviais, tendo esta sido pensada por José Fernando Gonçalves como uma referência ao batismo nos seus primórdios, quando as pessoas eram batizadas em espaços exteriores com água, ou em rios.<sup>2</sup> “Os habitantes de Jerusalém e de toda a região da Judeia, assim como do vale do Jordão, iam ter com ele (João Baptista). Confessavam os seus pecados e ele batizava-os no rio Jordão.” Mt 3, 5-6.

No adro existem doze árvores, cerejeiras, que são, neste caso, símbolo dos doze apóstolos de Jesus de Cristo<sup>3</sup>. Estas ajudam a definir o espaço do adro, e embora na mesma área pudessem estar dezasseis árvores, definindo do mesmo modo o espaço, o número doze foi escolhido pelo arquiteto pelas referências bíblicas que

---

2 - Gonçalves, José Fernando; dARQ-FCTUC, Coimbra, 2011.

3 - Gonçalves, José Fernando; dARQ-FCTUC, Coimbra, 2011.



Figura 38  
Adro.



Figura 39  
Entrada.



Figura 40  
Pia Batismal e capela.

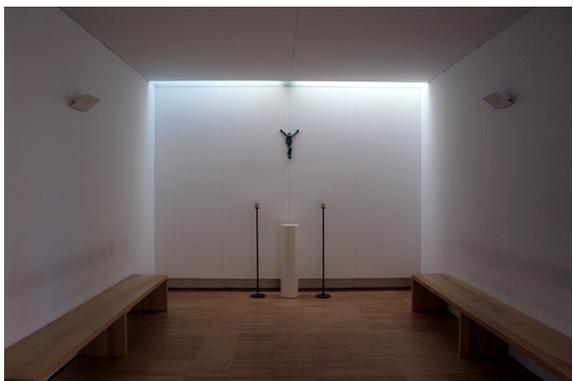


Figura 41  
Capela mortuária.

## Capela de São José

traz consigo. Este uso de árvores para definir o espaço é também uma referência à obra de Louis Kahn<sup>4</sup>. Este adro torna-se assim um local de passagem e referências à cultura cristã, ao percurso de vida de Cristo ou à simbologia que a Igreja foi adquirindo ao longo dos tempos. Fazendo o caminho até ao espaço da capela podemos ver representados vários momentos do percurso de vida de Cristo, do Seu batismo no rio Jordão, presente na fonte, às viagens que fez com os seus apóstolos, à paixão de Cristo, celebrada em cada eucaristia, já dentro da capela.

Este adro, sendo um local de passagem, é também um local de encontro, como ao longo da história tantas vezes é possível encontrar associado à igreja. Cumpre assim o desejo do arquiteto de definir caminhos e criar um espaço que possibilite o encontro das pessoas<sup>5</sup>.

Entre os dois planos de betão surge então, coberta por um terceiro plano de madeira pintada, o espaço da capela. A entrada da capela pode ser feita pelos dois extremos deste hall, num dos extremos temos a que é considerada a entrada principal, e que está incluída no percurso anteriormente descrito. Esta tem a pia de água benta, também ela usada como pia batismal. A forma da pia tem uma relação direta com as primeiras pias batismais, um bloco único de pedra que tem como função conservar a água benta ao longo de todo o ano, além de ser usado para o cerimonial do batismo. Insere-se num espaço de fundo negro, que contrasta com o espaço da celebração eucarística. No outro extremo existe uma pequena capela mortuária, que contrasta com o espaço batismal, sendo esta um espaço claro e luminoso. Este espaço possui bancos corridos nas suas paredes longitudinais, ficando assim paralelos ao caixão, e na parede de topo podemos ver uma entrada de luz zenital que ilumina todo este espaço de forma difusa e harmoniosa.

O espaço principal da capela assume-se como um espaço longitudinal tripartido de organização axial. Essa divisão em três partes é feita através do jogo de pé-direito, feito pela cobertura que tem diferentes alturas e inclinações, definindo assim um espaço mais baixo para a entrada e um espaço que vai diminuindo de altura do início do espaço dos fiéis até ao altar.

O espaço dos fiéis define-se como um espaço longitudinal, com dois grupos de bancos corridos, bastante transparentes, feitos de ferro e madeira pintados. Os materiais usados neste espaço foram escolhidos pelo arquiteto tendo em conta algu-

---

4 - Gonçalves, José Fernando; dARQ-FCTUC, Coimbra, 21 Fevereiro 2013.

5 - Neves, José Manuel das Neves – José Fernando Gonçalves – Habitar. Caleidoscópio – Edição de Artes Gráficas, SA, Casal de Cambra, 2007. P. 6-7.



Figura 42  
Interior da capela.



Figura 43  
Estações da Via-Sacra.



Figura 44  
Presbitério.

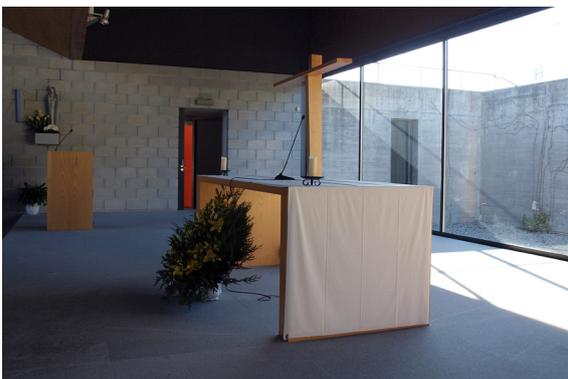


Figura 45  
Altar.

## Capela de São José

mas questões como a sua perenidade, a sua necessidade de manutenção (limpeza, lavagens, pinturas, etc.), relação com o utilizador do espaço e a expressão que estes introduzem à vivência do mesmo (maneira como refletem a Luz ou propagam o som, entre outras preocupações), não esquecendo o custo dos materiais.

Neste sentido as paredes interiores são constituídas por blocos de cimento à vista, que além de responderem às questões anteriormente referidas atribuem outra simbologia ao espaço. A Igreja é constituída por todos os homens batizados, são eles que constituem as pedras vivas que lhe dá forma e a define. Assim, cada um destes blocos simboliza cada um dos cristãos.

Nas paredes, na zona anteriormente referida, podemos ver catorze placas de madeira, de dimensões semelhantes aos blocos de cimento que constituem as paredes, tendo a placa mais perto do altar uma pequena cruz, elas são símbolo das estações da via-sacra, ou paixão de Cristo. Estas não são definitivas, no projeto da capela o arquiteto idealizou estes espaços com blocos de cimento, semelhantes aos outros, mas que seriam esculpidos em baixo relevo imagens da via-sacra. Isto simbolizaria que Jesus foi um homem como nós, e que como nós fez o seu percurso na terra e deixou a sua marca, mesmo que Ele fosse, para os cristãos, parte de Deus.<sup>6</sup>

O espaço do presbitério aparece a uma cota ligeiramente superior à da assembleia, dois degraus. Ele é definido por dois planos de blocos de cimento, pela relação com o espaço da assembleia e por um plano de vidro que dá para o exterior. Esse plano de vidro permite ver um espaço de jardim que, bem como o resto da igreja, foi construído entre planos de betão que escavam o terreno. Este espaço permite também a iluminação da capela, juntamente com o plano de vidro que se encontra por cima do espaço de entrada, habilitando assim o espaço de luz natural grande parte do dia, não necessitando de iluminação artificial grande parte dos dias.

No presbitério podemos encontrar vários elementos, sendo o altar o elemento central, ganhando assim prevalência sobre os outros elementos. Este altar aparece como uma mesa de madeira, fazendo assim ligação com o paradigma do altar – mesa, como a mesa em que Jesus celebrou a sua última ceia.

A distância equivalente do altar, cada um para seu lado, pode-se encontrar a cruz e a cadeira para o ministro da celebração, ladeada por dois bancos, para eventuais diáconos e outros assistentes (acólitos). Ambos os elementos seguem as escolhas de materiais para o mobiliário da capela. A cruz aparece como em Siza, descentrada

---

6 - Gonçalves, José Fernando; dARQ-FCTUC, Coimbra, 21 Fevereiro 2013.



Figura 46  
Sede Presidencial e Sacrário.



Figura 47  
Imagem de São José, credência e  
Sacrário.

## Capela de São José

e em madeira. A cadeira para o ministro da celebração, maioria das vezes o Pároco desta paróquia, assume a dignidade e importância tantas vezes atribuída a este lugar, mas mesmo assim ela é um elemento minimalista sem decoração ou excessos, que tanta vez se encontra durante a história.

Ainda neste espaço existem dois ambões, em vez de um como em muitos dos casos. A razão de tal duplicação é a separação do espaço de leitura dos fiéis, onde é lida uma passagem do antigo testamento, livro dos salmos, novo testamento e oração dos fiéis (na missa dominical) do lugar onde o ministro faz a leitura do evangelho. O ambão dos fiéis é um volume de madeira paralelepípedo, proporcionalmente baixo e largo, contrariamente ao outro ambão, que é um plano de metal que forma a base e ao chegar a determinada altura dobra em direção à assembleia para que se possa apoiar o evangelho. Embora ambos tenham a dignidade que a Igreja pede no segundo podemos ver outra leveza e dignidade, como que a palavra do Senhor a chegar a nós do alto de modo fino e frágil, apenas a recebemos se o quisermos e estivermos dispostos a ouvir.

Esta capela possui apenas duas figuras, sendo uma de Nossa Senhora e outra de São José. Estas têm dimensões diferentes e estão em locais opostos do presbitério. A figura de Nossa Senhora encontra-se do lado esquerdo, na proximidade da zona destinada ao coro e do crucifixo. Esta imagem encontra-se suportada por um volume paralelepípedo que se destaca da parede a cerca de um metro e vinte de altura, este volume tem dimensões semelhantes aos blocos que constituem esta parede. Esta imagem está ligeiramente mais elevada que o olhar do observador, por se encontrar no limite da zona do presbitério com a assembleia. O mesmo não acontece com a imagem de São José, que se encontra do lado oposto. Esta está no limite da zona do altar mas ainda na zona dos fiéis. Esta tem uma base maior que a anteriormente descrita, isto deve-se ao facto de a imagem de São José aqui presente ter quase o dobro do volume da anteriormente referida.

Esta imagem embora estando à altura do observador destaca-se dele. Cria assim uma relação com o observador, mostra a este que embora os santos sejam um exemplo a seguir e tenham alcançado feitos admiráveis estão ao alcance da humanidade, seguindo os seus exemplos os fiéis podem alcançar os seus feitos. Esta é uma solução diferente, mesmo oposta, à adotada noutros movimentos da arquitetura religiosa, em que as imagens de Santos eram colocadas tão altas e distantes que transmitiam aos fiéis, juntamente com alguns discursos que a Igreja transmitia na mesma altura, que seria impossível aos fiéis alcançar os feitos dos Santos. Estas



Figura 48  
Credência.



Figura 49  
Pátio atrás do presbitério.

## Capela de São José

peessoas eram idolatradas e as suas imagens adornadas de forma excessiva quando comparada com a presente na contemporaneidade.

Aqui o arquiteto optou por não sobrecarregar a capela de imagens e estatuária, tendo o desenho da estatuária (Nossa Senhora e São José) sido atribuído a um escultor. Esta conceção, e adorno, do espaço seguem os desenhos e ideias de arquitetos do Norte da Europa como Aldo Van Eyck, tendo este e as suas ideias de conceção de espaço religioso sido uma importante influência para José Fernando Gonçalves.<sup>7</sup>

Fica pois um elemento por descrever neste espaço. Ele é um dos mais importantes para os crentes. O Sacrário, local onde se guarda o corpo de Cristo, hóstias consagradas durante a celebração da eucaristia que não foram consumidas nessa celebração. Este elemento que ao longo dos tempos foi sendo colocado em locais diferentes da igreja ou capela continua, mesmo depois do concílio do Vaticano II, a ficar à escolha do arquiteto quanto à sua localização.

A Igreja pede que lhe seja atribuído um lugar digno, que permita o recolhimento e oração. A Igreja deixa ao critério do arquiteto e/ou da Fábrica da Igreja que faça a encomenda do projeto a localização da mesma, seja ela numa capela própria, que não desvie as atenções do altar, ou seja ela em relação direta com o altar. Além destas normas a Igreja dita que o Sacrário tenha junto a ele uma vela, símbolo do Espírito Santo.

Aqui José Fernando Gonçalves atribui-lhe toda a dignidade e importância que a Igreja quer atribuída ao Sacrário. Este elemento aparece como um cubo de pedra branca translúcida suportado por um plano de metal negro, tal como nas costas da cadeira do ministro da celebração que se encontra ao seu lado e seu ambão que se encontra sensivelmente à sua frente. Na base desse plano podemos ver uma vela, que é constituída por uma taça de vidro com óleo dentro e um pavio, como nos primórdios do Cristianismo. Este Sacrário, por ser constituído por uma pedra translúcida, tem uma particularidade. A luz que entra pelo plano de vidro atrás dele atravessa-o deixando assim ver através dele a silhueta da píxide onde se encontra o corpo de cristo sobre a forma das hóstias, segundo as crenças Cristãs.

Durante a celebração eucarística o cálice, a píxide e a patena (bem como os panos, o corporal e o sanguínea, e o pequeno jarro de água que os acompanha), que vão para o altar durante o ritual do ofertório, estão na credência, móvel que se encontra embutido na parede norte do presbitério. Esta tem como função guardar os

---

7 - Gonçalves, José Fernando; dARQ-FCTUC, Coimbra, 21 Fevereiro 2013.



Figura 50  
Sala polivalente.



Figura 51  
Alçado Sul, capela e  
complexo paroquial.

## Capela de São José

objetos necessários à celebração. Esta não é uma simples mesa, como tantas vezes se encontra nas igrejas e capelas, mas sim uma mesa que se encontra embutida na parede com uma entrada de luz zenital que lhe atribui uma dimensão autónoma.

Anexo ao volume da capela situam-se os serviços complementares da celebração da missa, bem como da vida paroquial. O acesso a esses espaços pode ser feito de três modos diferentes, através do exterior pela rua a Sul do complexo, pelo adro da capela e pelo interior da capela, junto ao espaço do presbitério. Essas três hipóteses permitem o acesso que o cortejo inicial e final da celebração possa fazer o percurso da entrada ao altar, mas permite ao mesmo tempo, que se necessário, se possa utilizar o espaço da Sacristia durante a missa.

A Sacristia constitui o local indicado para guardar os trajes litúrgicos entre as celebrações permitindo ao pároco e seus acólitos trocarem de vestes. É aqui que “são guardados os livros, as alfaias, os vasos, as vestes e outros objetos que são necessários para a celebração litúrgica.”<sup>8</sup>

A capela de São José define-se pois como um espaço longitudinal tripartido longitudinalmente. Os materiais adotados são materiais que poderiam facilmente ser descritos como vulgares ou usuais, a madeira reveste o chão e o teto, as paredes são constituídas por blocos de cimento aparentes e os caixilhos são em metal pintado de cinzento-escuro. A luz tem um papel homogeneizador, dá clareza ao espaço, atribuindo destaque aos pontos que a fé Cristã considera mais relevantes.

Nesta capela é possível ver alguns dos elementos que acompanharam a arquitetura religiosa ao longo dos tempos. Esta define espaço urbano e funciona como espaço de reunião da comunidade não se afirmando pela dimensão, proporção da sua fachada ou seus elementos, ao contrário de grande parte das igrejas edificadas anteriormente ao Concílio do Vaticano II, em que a fachada era desenhada de modo a ser imponente, modo usado para afirmação do clero e da Igreja, presente na história da arquitetura religiosa ao longo de vários séculos.

Ao entrar na capela, depois de passada a capela mortuária ou a capela batismal, é possível ver uma relação com as igrejas pré-conciliares, o espaço organiza-se de forma longitudinal, estando os fiéis sentados de frente para o altar, em bancos transversais ao corpo da igreja. Esta é pois uma solução inspirada nas igrejas anteriores ao Concílio do Vaticano segundo, ou em algumas igrejas dos anos sessenta do séc. XX, no Norte da Europa. Isto em oposição às igrejas conciliares, dos anos sessen-

---

8 - Coutinho, Vítor – Linhas orientadoras para a construção e organização de espaços litúrgicos. Gráfica de Coimbra, 2 publicações, Lda. Coimbra 2005. P. 56.



Figura 52  
Sino, adro e cruz.



Figura 53  
Coro.

## Capela de São José

ta e setenta do séc. XX se assemelhavam a espaços multifunções, de planta centralizada, ou mesmo a auditórios, para tentarem responder ao desejo de aproximar os fiéis do altar.

O modo como se “fecha” o percurso da igreja, o altar, é algo que aparece no final do séc. XX, abrindo-se o espaço litúrgico para o exterior de forma direta. Quanto à simplicidade, ou minimalismo, do desenho do espaço e dos elementos decorativos nele presentes não são mais que uma reinterpretação, ou nova conceção, dos espaços religiosos de ordens mendicantes ou ordens mais austeras. Essa simplicidade é neste caso conseguida sem se reduzir a dignidade do espaço ou o conforto da assembleia durante a utilização do espaço.

Em suma, esta capela identifica-se como um espaço religioso, vista pelo exterior, mas tal não acontece através da forma dos seus volumes mas sim através de alguns elementos que ocupam lugares chaves no exterior, sendo eles o sino e a cruz. O interior é já uma questão diferente, sendo bem mais claro que se trata de um espaço religioso, devido a uma sucessão de elementos e espaços facilmente identificados como fazendo parte de um espaço litúrgico. Os volumes e as áreas que a constituem formam pois um todo, tornando assim impossível confundir este edifício com outro programa.

A articulação entre a capela e o centro paroquial é feita de modo a que a utilização de cada um destes espaços possa ser feita de modo autónomo mas permitindo ao mesmo tempo que exista uma relação direta entre estes espaços.

Embora aceite pelos paroquianos e pelo pároco como a sua igreja, e um exemplo de arquitetura religiosa, há alguns pormenores que na opinião dos seus utilizadores poderiam ser diferentes. Devido ao uso, à mão de obra utilizada na construção ou à natureza dos materiais, o pavimento nas salas de catequese e sala polivalente, está levantado e danificado, sendo visíveis pontos de humidade. Esse não é o único problema que surgiu devido à construção. Na sacristia o sistema de iluminação não está a funcionar de forma correta porque por erro, o qual o arquiteto não foi informado, alguns dos pontos de iluminação foram colocados em local incorreto impossibilitando a utilização das portas ou a fixação desses mesmos pontos de luz. Ficando assim só um ponto por descrever, a acústica do espaço destinado ao coro não auxilia a propagação do som, do órgão e vozes, tendo o coro que estar fora do local a ele destinado. José Fernando Gonçalves projetou desse modo uma igreja com a qual os paroquianos se identificam e que utilizam de forma funcional e harmoniosa entre as diferentes funções.



## **Capela de São José**

A capela de São José é pois um exemplo do conceito pós-conciliar de igreja, no sentido que aproxima o ministro celebrante dos fiéis, mesmo usando uma planta de organização de igreja semelhante às pré-conciliares, e não às igrejas dos anos sessenta do séc. XX. Esta foi concebida de acordo com o conceito de igreja como casa do povo de Deus. Esta tem toda a dignidade de um templo dedicado a Deus onde Ele habita mas é feita à dimensão do homem e para seu uso. O arquiteto ao conceber este espaço teve em conta o ritual litúrgico, sendo influenciado e condicionado por ele, mas essa é uma condicionante que facilmente é subvertida, tendo o arquiteto liberdade criativa para ser ele a condicionar alguns momentos e movimentos do ritual.

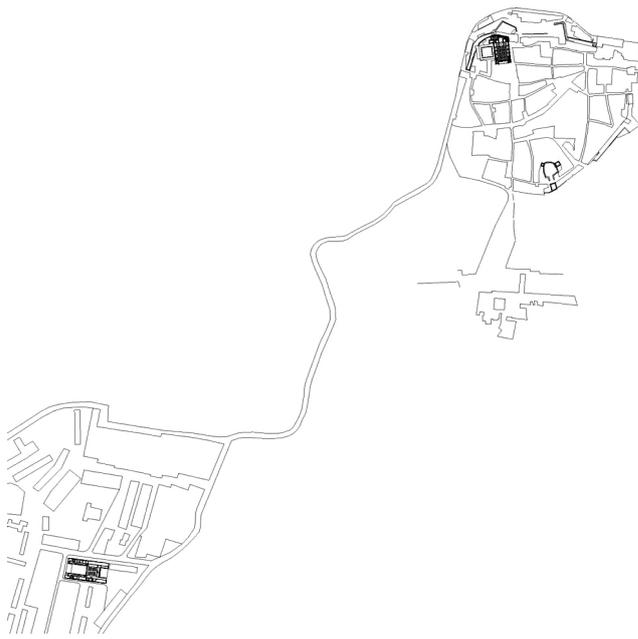
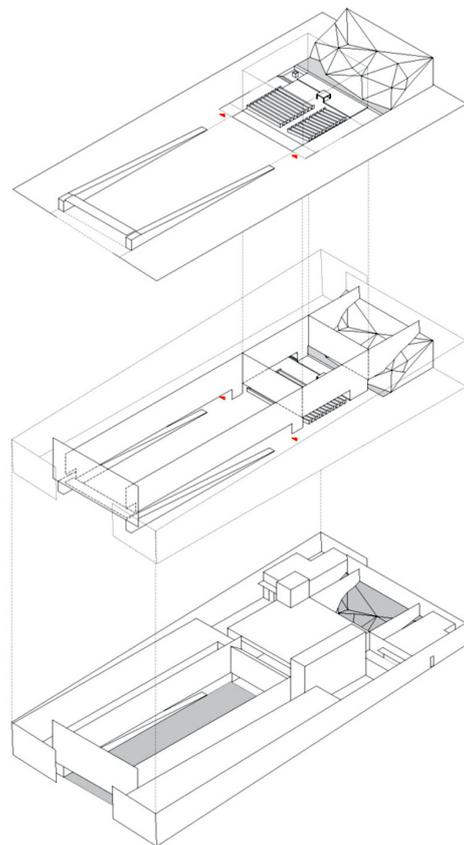


Figura 54  
Planta de localização.

Figura 55  
Igreja de Santo António.



Figura 56  
Axonometria.



# **Igreja de Santo António**

## **Bairro dos Assentos, Portalegre**

### **Arq. João Luís Carrilho da Graça**

#### **Introdução à obra**

A igreja de Santo António localiza-se no bairro dos Assentos, um bairro periférico de Portalegre. Foi encomendada a Carrilho da Graça em 1993 mas a sua construção só se realizou entre 2006 e 2008. A igreja foi encomendada para a comunidade deste bairro, pertencente à paróquia da Sé de Portalegre, pelo pároco da Sé, Joaquim Cabral. A obra passou ainda sobre a alçada de outros dois párocos enquanto projeto de execução, ou enquanto projeto à espera de aprovação na câmara municipal de Portalegre, sendo eles António Nuno Ribeiro Tavares e João Maria. A obra começou em 2006 com o padre Lúcio Alves, tendo acabado ainda com este padre à frente da paróquia da Sé.

Acabada a igreja veio dotar esta área da cidade de Portalegre de um centro de dia para idosos e de uma creche, bem como de um espaço maior e mais digno para o encontro dos fiéis. “Até à consagração da igreja os fiéis do bairro encontravam-se numa garagem para rezar e celebrarem a Eucaristia. Era também nesse espaço que os jovens tinham aulas de catequese, ou que alguns grupos religiosos se encontravam.” Afirma o padre Marcelino Dias Marques, pároco da paróquia da Sé.

#### **Análise da obra**

A igreja de Santo António está inserida num lote retangular tendo a ideia do arquiteto sido “inserir nesse espaço, escavado, um volume de base retangular com duas alas de apoio social”.<sup>1</sup> O volume do conjunto encontrar-se escavado no terreno em função do desnível de cerca de oito metros no terreno, ascendente no sentido Sul – Norte. As alas do complexo paroquial e centro-de-dia desenvolvem-se em redor de um adro interior, onde se fazem os acessos aos diferentes serviços.

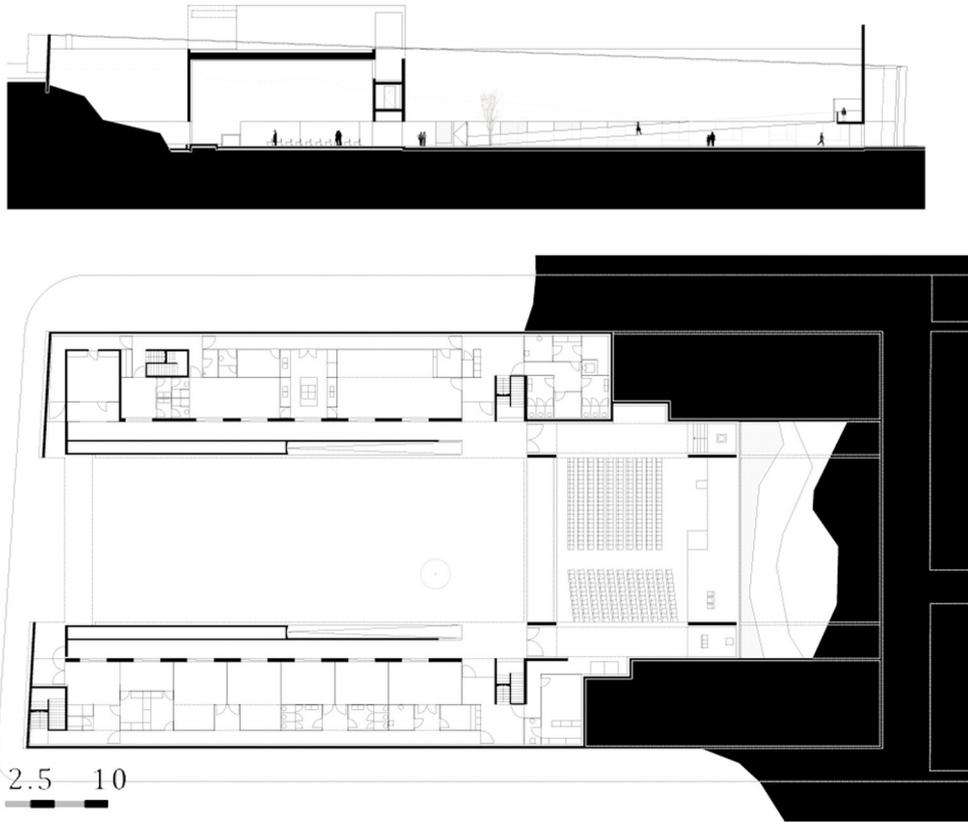
Neste adro, que se vê do exterior quando se passa junto à entrada, “feita através de um arco”, é possível ver o interior da igreja, através de “um plano transparente atrás do presbitério, e na zona da entrada”<sup>2</sup>, este possibilita que se veja a rocha que se encontra atrás do altar fazendo dessa forma que a “igreja seja transparente”. O adro, pavimentado a saibro, articula com os acessos ao centro social e suas rampas,

---

1 - Graça, João Luís Carrilho da – Conferência ISCTE-IUL, 12 Nov. 2009.

2 - Graça, João Luís Carrilho da – Conferência ISCTE-IUL, 12 Nov. 2009.

Figura 57  
Planta piso térreo e corte  
longitudinal.



## **Igreja de Santo António**

sendo ao mesmo tempo um ponto de encontro para a comunidade local. Por altura das celebrações dos Santos, no mês de Junho, alberga um palco e pequenas barracas, sendo aí realizadas as festas dedicadas a Santo António. O arco que define a entrada possui um gradeamento, permitindo assim fechar o adro para o exterior sempre que necessário. Este gradeamento não existia na conclusão da obra, foi um dos pormenores que foram adicionados mais tarde. Outra alteração, na organização deste espaço, é a ausência de um castanheiro que Carrilho de graça inseriu no projeto mas que acabou por secar e foi substituído por outra árvore.

Os volumes que se encontram adjacentes ao adro, longitudinalmente, definem o espaço do centro de dia, da creche e da residência paroquial, as alas de apoio social anteriormente referidas. Estes espaços articulam diretamente com a igreja, sendo possível circular interiormente por todo o complexo, em corredores que se desenvolvem nas paredes adjacentes aos limites do lote. Essa relação é privilegiada também através das aberturas das salas que se viram para os espaços de distribuição. Essas salas, que o arquiteto descreve como simples, possuem também uma relação com o exterior, virando-se para o adro. Essa relação visual com o adro não é direta pois possui um plano de parede paralelo às aberturas que as impossibilita de olhar em frente. Esses planos pretendem criar a sensação de cegueira ao observador mas que ao se aproximar veja apenas o pavimento do adro, rampas de acesso e o céu.<sup>3</sup> O modo como estas paredes definem os vãos levam a que a luz entre nas salas de forma indireta.

Atravessado o adro é possível aceder à igreja. O acesso é feito pelos pontos de interseção dos volumes do centro social com a igreja, levando dessa forma a que as entradas na igreja não sejam feitas de forma axial. Ao entrar no espaço celebrativo o observador fica direcionado para a capela do Santíssimo sacramento, entrando na porta Sul, ou para a capela batismal, entrando pela porta Norte. Em ambos os casos anteriormente referidos a relação com a rocha, existente atrás do altar, é um elemento presente, sendo uma das formas de unir estes espaços que afinal de contas não estão tão separados assim a nível de organização interna do espaço.

A igreja é de planta quadrangular mas devido à divisão interna, feita através de planos de parede elevados, o espaço da assembleia e o altar definem um espaço longitudinal de planta retangular. Os planos de parede anteriormente referidos são os responsáveis pela separação entre o batistério, a capela do Santíssimo e o volume

---

3 - Graça, João Luís Carrilho da – Conferência ISCTE-IUL, 12 Nov. 2009.



Figura 58  
Alçado Principal.



Figura 59  
Arco de entrada adro.



Figura 60  
Adro.



Figura 61  
Adro, arco de acesso ao adro, centro social.

## Igreja de Santo António

principal, reservado à celebração eucarística.

A capela do santíssimo é desenhada como um espaço de recolhimento, em que o pé-direito diminui de modo a criar um espaço mais contido, em que o ponto de adoração/contemplação é o sacrário, que se encontra suspenso no plano de vidro, com a rocha e a água como plano de fundo. Esse sacrário é um cubo de madeira que tem direcionado para si um foco de luz, criando assim ao observador a ilusão de que a luz vem do seu interior.

O batistério tem uma conceção oposta à da capela anteriormente descrita. Neste caso a redução do pé-direito é apenas aparente. Ao chegar a este espaço o utilizador vê-se levado a descer três degraus, descobrindo ao mesmo tempo que a parede que tem por cima de si ocultava uma chaminé de luz. Esta relação com uma claraboia superior, que atribui a este espaço uma luz natural, que entra zenitalmente de forma clara e amena faz uma relação com a passagem bíblica do batismo de Jesus, no rio Jordão, que depois de ser batizado viu os céus abrirem-se e descer o Espírito Santo, enquanto Deus lhes falava.<sup>4</sup>

A pia batismal, tal como o restante mobiliário existente na igreja, apresenta uma notória simplicidade e respeito para com a função pretendida. Tem a forma de um paralelepípedo ao qual foi subtraído meia esfera no topo, de modo a conter em si a Água Benta durante o ritual do batismo.

O volume principal, no interior da igreja, é dedicado ao espaço de celebração Eucarística. Esse espaço é limitado nos extremos longitudinais por dois planos de vidro que se abrem para o exterior. O que se localiza na parede a Sul abre-se para o adro, enquanto o outro, por detrás do altar, se abre para a rocha, que tem na sua base um espelho de água de onde sai um crucifixo. O plano a Sul possui também uma entrada de luz superior, na junção desse plano com o plano horizontal que define o teto da igreja, de modo a evitar que o altar fique em contraluz, sendo esses planos de vidro inclinados por motivos acústicos. Os dois planos de vidro, por trás do altar e por trás da assembleia, criam uma relação entre o observador no exterior, seja a passar na rua ou no adro, com os fiéis que se encontram dentro da igreja, com o altar e com a rocha que fecha o altar.

A ideia de assentar o edifício nesta rocha surgiu no início do projeto, ao fazer um estudo do terreno ficou identificado que nesse local existia uma floração rochosa, Carrilho da Graça tendo esse conhecimento e o conhecimento da referência Bíblica da construção de uma casa sobre a rocha como a mais resistente, comparando

---

4 - BÍBLIA. Mt 3, 16-17.



Figura 62 e 63  
Interior da igreja.  
Capela do Santíssimo.



Figura 64  
Batistério.



Figura 65  
Poço de luz, Batistério.

## Igreja de Santo António

esse facto com o modo como os homens devem aprender a palavra de Deus e as pôr em prática. “Todo aquele que ouve as minhas palavras e as põe em prática pode comparar-se ao homem sensato que constrói a sua casa sobre a rocha.”<sup>5</sup> A água presente neste local simboliza também a água do batismo, que junto com a cruz, símbolo do Amor de Deus pelos homens, que se torna homem e morre por eles para os salvar, atribui a este espaço que fecha o altar, uma enorme carga simbólica e religiosa cristã.

A igreja, dotada de mobiliário de materiais claros e linhas ortogonais, define-se como um espaço simples, assim caracterizado pelo arquiteto, responsável pela autoria do mobiliário, mas em que cada um dos elementos é concebido ao pormenor e localizado com cuidado no interior da igreja.<sup>6</sup>

Carrilho da Graça, comparando a igreja de Santo António, na sua simplicidade e ausência de adorno, que insere os fiéis num espaço luminoso e sóbrio, caracteriza a parede rochosa como “uma presença quase barroca”.

A simplicidade do adorno da igreja é notória quando se observam os poucos elementos de adorno ou mobiliário da mesma. Esses elementos resumem-se ao altar, cadeiras para os ministros celebrantes, um ambão, dois pedestais<sup>7</sup> e a credência.

O altar é uma mesa de madeira de planta quadrangular de linhas retilíneas sem decoração, fazendo assim ligação com o paradigma do altar – mesa, como a mesa em que Jesus celebrou a sua última ceia. A cadeira para o ministro celebrante, e seus auxiliares, foram desenhadas obedecendo aos mesmos critérios do altar, simplicidade e função, são pois constituídas por planos de madeira, semelhantes aos dos bancos da assembleia, mas que através da sua combinação com outros materiais as distingue das restantes. Com formas primárias pode-se encontrar a credência, um cubo colocado junto ao plano de vidro, bem como o ambão e os pedestais, sendo estes de forma paralelepípedica.

Espalhadas pela igreja encontram-se quinze cruces, com um número romano junto a elas. Essas cruces, de braços iguais, feitas em madeira pintada de branco e revestida num dos planos por uma liga metálica, simbolizam as catorze estações da via-sacra e uma décima-quinta estação que em muitas igrejas aparece juntamente com a décima-quarta como um momento final de oração. Os números romanos são de dimensão inferior às cruces e são de madeira pintada de branco de modo a não serem o foco da atenção do observador. Estes elementos são um dos casos que não

---

5 - BÍBLIA. Mt 7, 24-29.

6 - Exceção das cadeiras localizadas no coro.

7 - Um para suportar uma imagem de Santo António e uma de Nossa Senhora de Fátima.



Figura 66  
Rocha e presbitério.



Figura 67  
Altar, ambão, Santo António.



Figura 68  
Sede presidencial e cruz.



Figura 69  
Estação Via-Sacra.

## **Igreja de Santo António**

se encontram na obra desde a sua consagração, foram adicionados mais tarde, por motivos financeiros, como foi referido também em relação à cruz.

Carrilho da Graça faz uma relação com a história desta comunidade local nas duas imagens que coloca nesta igreja, e que se destacam dos restantes elementos pela sua cor e linhas, encontrando apenas semelhança de linhas e cor na rocha. As imagens em causa são uma estátua de Santo António, que pertencia à igreja mortuária de São Tiago, outra igreja da paróquia da Sé de Portalegre, e uma estátua de Nossa Senhora de Fátima, pertencente à comunidade local e que se encontrava na garagem onde anteriormente se reuniam. Estas estão localizadas no altar, a de Nossa Senhora no extremo direito da assembleia e a de Santo António no lado oposto do altar junto ao ambão, encontrando um lugar de maior destaque por não se encontrar tão próxima do plano de parede.

Os materiais usados na igreja, para o pavimento, paredes e mobiliário foram escolhidos tendo em conta a maneira como refletem a luz e o som, colocados de modo a tirar partido deles para criar sensações nos utilizadores ou para destacar um elemento em relação a outro. Mas essa não foi a única preocupação do arquiteto ao escolher os materiais. O modo como estes se ligam e articulam em conjunto foi também uma preocupação não descuidando a necessidade de manutenção e limpeza de cada um dos materiais.

A utilização desta igreja, por parte dos fiéis e do pároco, revelou algumas questões que poderiam ter sido respondidas de forma diferente à que foi adotada por Carrilho da Graça mas que, como dizia o padre Marcelino, foi por falta de visão de futuro por parte da fábrica da igreja na altura da encomenda.<sup>8</sup> Por o espaço ter ganho vida, e ser utilizado por crianças e idosos no dia-a-dia, e por um grande número de pessoas da comunidade local nas celebrações da eucaristia. Revelou-se que os espaços da catequese, e de reuniões de movimentos católicos, são em número reduzido e de dimensões reduzidas, tal como acontece na sala polivalente. Esta questão foi ultrapassada pela comunidade local, que transformou as salas da residência paroquial em salas de catequese e de reuniões. Este facto só foi possível por o padre não residir na mesma e por ter uma visão da arquitetura que respeita o desenho criado pelo autor e que não altera a conceção do espaço que Carrilho da Graça idealizou.<sup>9</sup> Outros espaços que a comunidade local considera que foram mal dimensionado são os confessionários, que consideram ser de dimensões reduzidas.

---

8 - Marques, Padre Marcelino Dias; Sé de Portalegre, 7 Junho 2013



Figura 70  
Cruz.



Figura 71 e 72  
Imagem de Nossa Senhora de  
Fátima e estação da Via-Sacra.  
Imagem de Santo António.

## Igreja de Santo António

Este ponto pode levantar algumas questões em relação à verdadeira necessidade de ter confessionários na igreja, ou de que eles sejam de dimensões superiores, visto que um dos dois existentes está a ser usado como arrumo para material de limpeza.

A igreja de Santo António é o reflexo do desejo que Carrilho da Graça tentou materializar, “herdeiro do Concílio do Vaticano II, de que a igreja é um espaço onde nos reunimos em pé de igualdade. A sala da igreja é de planta quase quadrada, com um só degrau a separar o espaço do altar, que é uma mesa quadrada em madeira, da assembleia. Estas formas centradas e estáveis permitem sentir que a celebração é presidida, consistindo na congregação voluntária de fiéis.”<sup>10</sup> João Alves da Cunha, arquiteto ligado ao Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura, refere-se a esta obra como sendo “inquestionavelmente um passo muito relevante na atual arquitetura religiosa portuguesa”,<sup>11</sup> referindo ao mesmo tempo que ainda se poderia ir mais além e criar maior aproximação entre assembleia e presbitério, considerando que o degrau que separa estas duas zonas, e a disposição do altar, poderiam ser alteradas de modo a criar maior proximidade.

O bairro dos Assentos passou a estar dotado de um espaço de oração e de congregação capaz de acolher todos e de articular diferentes funções de forma harmoniosa. O modo como este edifício acolhe a comunidade, a convida a entrar e parar, tendo espaço para crianças e idosos, levaram a que as pessoas se fossem entregando a este edifício, tornando-o seu, cumprindo assim os objetivos do concílio. A relação entre o interior e o exterior torna-se nesta igreja uma das suas marcas de abertura da Igreja, servindo essa relação para substituir a sinalética usada em várias igrejas, ou as imagens visuais que a história da arquitetura religiosa foi tornando como imagens de igreja.

---

9 - “Alguns dos paroquianos desejavam criar salas, através do recurso a paredes de gesso cartonado, nos espaços de circulação ou nos pontos em que estes alargam e criam halls. Tal ideia não foi posta em prática por considerar que essas alterações iriam destruir a métrica espacial concebida pelo arquiteto.” - Marques, Padre Marcelino Dias; Sé de Portalegre, 7 Junho 2013

10 - Graça, João Luís Carrilho da - Conferência ISCTE-IUL, 12 Nov. 2009.

11 - Cunha, João Alves da - “Igreja de Santo António, Portalegre” SNPC [Em Linha] [www.snpcultura.org/obs\\_13\\_igreja\\_santo\\_antonio\\_portalegre.html](http://www.snpcultura.org/obs_13_igreja_santo_antonio_portalegre.html) [Consult. 5 Jun. 2013]



Figura 73  
Planta de localização.



Figura 74  
Vista Sueste igreja de Nossa  
Senhora de Lurdes.

# **Igreja de Nossa Senhora de Lurdes**

## **Nossa Senhora de Lurdes, Montes Claros, Coimbra**

### **Arq. Flavio Barbini e Arq. Maria João Silva**

#### **Introdução à obra**

A igreja de Nossa Senhora de Lurdes localiza-se em Coimbra, em Montes Claros, no sítio de um antigo bairro operário do final do séc. XIX. Esta paróquia, Nossa Senhora de Lurdes, tinha no lugar onde hoje se encontra a igreja paroquial uma pequena capela, originária do séc. XIX, dedicada a Nossa Senhora, e edificada com fundos cedidos pela Rainha D. Amélia. Da antiga capela, que foi último elemento a ser demolido do antigo bairro operário, ainda se pode encontrar a imagem de Nossa Senhora localizada a poente da igreja.

Neste local foi construída uma igreja entre os anos 60 e 70 do séc. XX, que perdeu a sua função enquanto tal, que foi mandada edificar por uma congregação de padres italianos, que na altura eram responsáveis pela paróquia. A nova igreja mantém uma relação direta com a cidade e com o edifício da antiga igreja, que se encontra ao seu lado. Esta é constituída por um volume paralelepípedo único de planta longitudinal que hoje é usado como espaço multifunções.

Dessa mesma altura ainda se pode encontrar, no corredor de acesso ao complexo paroquial, uma imagem de Nossa Senhora, encomendada pela congregação anteriormente referida, mas com a qual os paroquianos não se identificaram, pois embora de qualidade superior à sua antecessora, não foi feita por alguém da paróquia, como acontecera com a imagem anterior.<sup>1</sup>

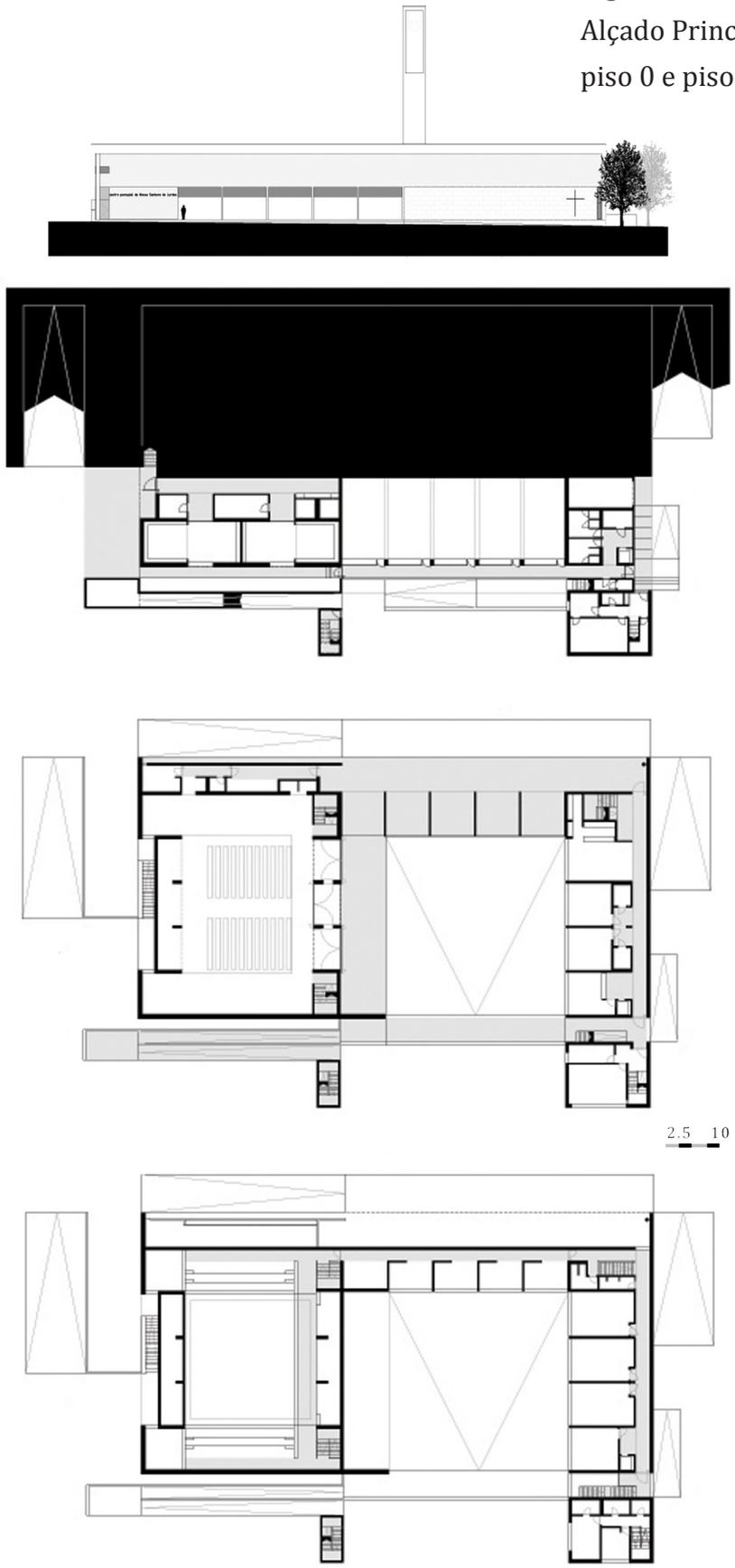
O projeto da nova igreja, feito por Flavio Barbini e Maria João Silva, levou algum tempo a ser concluído. Este processo começou em 1992 com a encomenda feita pelo Padre Jaime Cunha. Este não chegou a ver o início da construção da mesma, esta só começou em 2003 pela mão do Padre José Moço, passando depois a responsabilidade para o pároco seguinte, o Padre Luís Ribeiro. A finalização da construção da igreja e sua consagração, a 20 de Outubro de 2011 realizou-se com o Padre Carlos Delgado.

Esta igreja é resultado de vários anos de amadurecimento do projeto e de relação com os seus utilizadores. Esta relação com os utilizadores, feita através de comissões criadas para o efeito, foi dando ao espaço a hipótese de crescer e de se

---

1 - Delgado, Padre Carlos; igreja de Nossa Senhora de Lurdes, Coimbra, 19 Abr. 2013.

Figura 75  
Alçado Principal, Planta piso -1,  
piso 0 e piso 1.



## **Igreja de Nossa Senhora de Lurdes**

alterar, alterando assim o desenho espacial deito pelo arquiteto. Essas comissões eram constituídas pelo pároco que na altura estava à frente da paróquia e por representantes da fábrica da Igreja. Nesse conjunto é possível encontrar engenheiros e arquitetos que foram dando o seu contributo a este espaço.

O programa encomendado pelo Padre Jaime Cunha, o que não terá sofrido alterações, era constituído por: igreja para cerca de duzentas e cinquenta pessoas mas capaz de ser utilizada por uma assembleia de cerca de quinhentas pessoas, centro paroquial, sacristia, capela do Santíssimo Sacramento, batistério, salas de catequese, secretaria, bar, residência paroquial e espaço polivalente. Além deste programa foi pedido que este espaço fosse um ponto de articulação com a envolvente urbana. Segundo o Padre Carlos Delgado não foram feitos qualquer tipo de limitações criativas aos arquitetos responsáveis por conceber o espaço, a não ser as impostas pelo ritual litúrgico.

Ao percorrer a obra percebe-se então que o programa existente corresponde ao programa encomendado, bem como uma relação direta entre a cidade e este edifício. O edifício forma um “U” que se abre para a alta universitária e para o jardim botânico da universidade de Coimbra, que se localizam a Sul, noutra parte da cidade.

O acesso viário e pedonal à igreja, bem como ao centro paroquial, é feito por Norte. Ao chegar é possível ver um volume, constituído por planos de materiais diferentes. Esses planos, feitos através de jogos de avanço e recuo são formados por paredes de betão rebocado a branco, por painéis de madeira e por tijolo aparente. Os planos de madeira não são mais que as entradas para os diferentes pontos deste edifício. É pois possível, deste ponto, perceber onde é feita a entrada para a sacristia, a igreja e o centro paroquial.

### **Análise da obra**

Esta igreja tem presença no skyline da cidade em função da sua torre sineira, sendo identificável como um espaço religioso, mesmo à distância.

Ao fazer a aproximação ao volume da igreja pode-se encontrar a entrada da igreja, perceptível através de uma passagem, que rasga o volume, feita por planos de parede que suportam o volume das salas de catequese, volume esse que fecha o “U” e faz a ligação interna entre o centro paroquial e o espaço da igreja. Esta passagem faz a ligação entre o adro da igreja e a cidade, enquanto o adro faz a relação visual com o Jardim Botânico e restante envolvente urbana localizada a Sul.

Este adro funciona como um ponto de encontro e de convívio dos paroquia-



Figura 76  
Alçado Este e Norte.



Figura 77  
Adro.



Figura 78  
Alçado Sul.



Figura 79  
Adro, entrada da igreja e complexo  
paroquial.

## Igreja de Nossa Senhora de Lurdes

nos, ou de qualquer outra pessoa que por ali passe. Ele convida os seus utilizadores a parar ali e a permanecer, cumprindo assim a função para que foi desenhado. O mobiliário escolhido para este espaço foi escolhido por uma das comissões encarregues da obra e não fazem parte da solução escolhida pelo arquiteto, sendo exemplo disso os vasos que aí se encontram, que contêm uma oliveira cada um, e que são ao mesmo tempo um banco. A escolha desta árvore não foi inocente, como afirmou o Padre Carlos Delgado, esta foi escolhida por ser uma árvore sempre verde e que tem uma carga simbólica associada a ela. É dela que se recolhe a azeitona de onde se faz o azeite, “azeite que dá sabor aos alimentos e arde, sendo esse fogo um sinal do Espírito Santo”.

O adro é também o espaço para onde as dependências do centro paroquial se viram sendo a circulação entre estes espaços é feita pelo lado exterior do “U”.

O centro paroquial foi concebido de modo a articular de forma simples e direta com o volume da antiga igreja, sendo a entrada centro paroquial feita no vértice mais próximo da antiga igreja. Na entrada é possível encontrar as escadas que possibilitam a articulação vertical entre os diferentes pisos deste centro, estas são seguidas do bar e de escritórios, no piso térreo, e de salas de reuniões e de catequese no piso superior. No uso diário, o utilizador altera o modo de articulação entre o exterior e o interior destes espaços, sendo esta articulação feita através das portas que abrem estes espaços, do piso térreo, para o adro.<sup>2</sup>

A partir de adro principal pode aceder-se à residência paroquial e à sala polivalente, localizada por debaixo deste. A residência paroquial é constituída por um volume de três pisos anexo ao centro paroquial, mas que é separado deste pelas escadas que dão acesso à sua entrada. Esta residência funciona do ponto de cota mais elevada para o ponto de cota menor, a nível interno, possuindo escadas no seu interior.

Segundo o Pároco local o modo como esta articulação é feita, exterior e interior, causa determinadas dificuldades à utilização. A inexistência de um plano de vidro no lugar onde se encontra o acesso ao exterior levou a que o mesmo fosse criado mais tarde para dotar o espaço de uma proteção que levasse o mesmo a não se tornar um corredor de vento. A divisão desta residência em três pisos sem o recurso a um método mecânico de articulação interna, ou externa, leva a que utilizadores com mobilidade reduzida não a possam utilizar. O acesso, bem como a organização do

---

2 - Delgado, Padre Carlos; igreja de Nossa Senhora de Lurdes, Coimbra, 19 Abr. 2013.



Figura 80  
Alçado Oeste (entrada capelas  
mortuárias).



Figura 81  
Capela mortuária.



Figura 82  
Torre sineira.

## **Igreja de Nossa Senhora de Lurdes**

espaço interior não está adaptado para estes utilizadores, como se pode constatar pela inexistência de instalações sanitárias no piso de utilização do dia-a-dia.

As salas da residência paroquial, bem como as do complexo paroquial e da igreja, possuem vãos que possibilitam a entrada de luz, atribuindo aos espaços uma boa iluminação. No que toca aos vãos do complexo paroquial, e também do altar da igreja, Carlos Delgado, refere que se torna difícil fazer uma limpeza regular devido às dimensões e acesso destas janelas, ou planos de vidro, que obrigam a contratar empresas especializadas para a efetuar.

Por debaixo do adro, existe um espaço semienterrado que alberga as capelas mortuárias, a sala polivalente e respetivas instalações sanitárias. O acesso a estes espaços pode ser feito através de uma rampa que desce a partir do adro, junto à torre sineira, ou pelo exterior do edifício, junto à capela de Nossa Senhora. A rampa, anteriormente referida, é considerada pelo pároco local como um ponto problemático da obra, o muro que suporta esta rampa e cria um espaço de entrada, ou de estar exterior coberto, para as capelas mortuárias manifesta infiltrações e humidade em vários pontos. O mesmo problema é perceptível no interior da sala polivalente, local em que as marcas de humidade são visíveis em vários pontos do teto e paredes.

A localização das capelas atribui-lhes autonomia, permitindo a sua utilização simultânea, não impossibilitando o uso da igreja. Essa autonomia tem as suas vantagens, mas segundo Carlos Delgado e alguns dos funcionários da agência funerária que possui a concessão do espaço tal divisão tem as suas desvantagens, dificultando a utilização do espaço da igreja durante um funeral. O espaço exterior, anexo às capelas, que foi concebido para possibilitar a entrada direta pelo exterior, para alargar as celebrações funerárias para o espaço exterior ou para possibilitar às pessoas um espaço de estar, não se encontram em utilização pois as portas são de utilização complexa e pouco perceptível, além de se danificarem com facilidade.<sup>3</sup>

Passando no adro, estando virado para poente é possível ver três planos de madeira, que correspondem à entrada para o espaço da igreja. Este é o primeiro sinal da versatilidade deste espaço de celebração. O modo como estas portas se articulam permitem que no dia-a-dia a entrada seja feita de modo faseado, levando os fiéis a entrar de forma lateral ao lugar da assembleia, criando desse modo um percurso de transição do exterior para o interior. Mas essas mesmas portas permitem em celebrações mais solenes abrir todo esse plano de madeira criando assim uma entrada

---

3 - Delgado, Padre Carlos; igreja de Nossa Senhora de Lurdes, Coimbra, 19 Abr. 2013.



Figura 83  
Interior da igreja.



Figura 84  
Presbitério.



Figura 85 e 86  
Batistério.



Figura 87  
Capela do Santíssimo.

## **Igreja de Nossa Senhora de Lurdes**

a eixo para a igreja, ou permitindo à celebração estender-se para o adro.

Uma vez dentro da igreja revela-se um espaço de planta retangular com uma mesanina em forma de “U” no piso superior. No centro desta composição, destacado através da luz zenital indireta e dos materiais escolhidos, está o altar. Este ponto, central na celebração eucarística tem do seu lado direito e do seu lado esquerdo uma capela. A que se situa à direita da assembleia tem no centro a pia batismal, a outra capela, anteriormente referida, é a capela do Santíssimo Sacramento. Em ambas as capelas é possível ter uma relação direta com o exterior, através de um plano de vidro que vai do pavimento à cobertura, sendo também possível ver uma relação com a história da paróquia. Esta relação com a história deve-se ao facto de a pia batismal, bem como o retábulo da capela do Santíssimo, serem da igreja anterior. O espaço da capela do Santíssimo aparece como um espaço que convida ao recolhimento e contemplação de Cristo Encarnado, este facto deve-se à luz aí presente ser dirigida para o retábulo e este ter um pé-direito diferente do lugar da assembleia.

O retábulo anteriormente referido é mais antigo que a igreja anterior, não se sabendo muito sobre ele. Consta no registo da paróquia que este tenha sido feito no séc. XVII e oferecido à paróquia por uma família da cidade, a família Bobone, mas não se sabe mais sobre ele, não tendo sido possível até ao momento descobrir mais sobre a sua história.

Os elementos que definem o espaço do altar, ambão, altar e cadeiras, foram escolhidos e desenhados para este lugar. O autor dos desenhos e escolha dos elementos que foram comprados foi a arquiteta Eduarda Gouveia e Melo, um dos elementos da última comissão. O presbitério destaca-se do espaço da assembleia pela diferença de cota, correspondente a três degraus e pela cor e pela luz. A existência de um pé-direito mais elevado neste local atribui uma dignidade e importância maior a este espaço, embora segundo alguns fiéis devesse existir um maior distanciamento entre a assembleia e o presbitério.<sup>5</sup> Este conceito não é lido da mesma forma por todos, paroquianos e pároco têm perspetivas diferentes, considerando o pároco que esta proximidade pode ser tida como uma mais-valia para a relação entre a Igreja.

No espaço da igreja é possível encontrar também confessionários mas não são utilizados para esse efeito pois a sua localização torna-os de difícil perceção e a sua dimensão torna-os pouco práticos.

Apesar da cisão entre o arquiteto e a paróquia, das dificuldades financeiras

---

5 - Delgado, Padre Carlos; igreja de Nossa Senhora de Lurdes, Coimbra, 19 Abr. 2013.



Figura 88  
Estação Via-Sacra.



Figura 89  
Entrada igreja e torre.

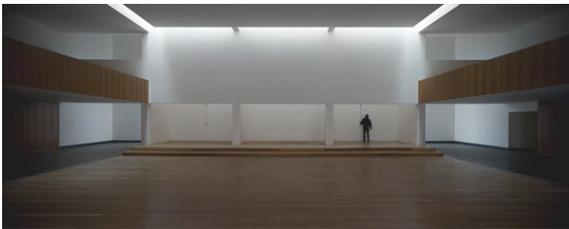


Figura 90  
Interior da igreja (final da obra).

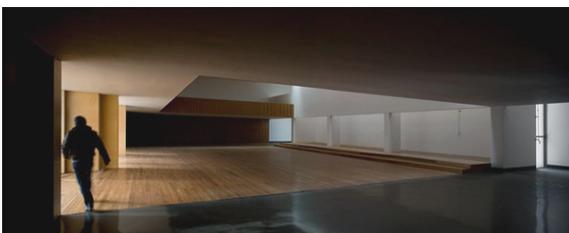


Figura 91  
Interior da igreja (final da obra).

### **Igreja de Nossa Senhora de Lurdes**

e das diversas comissões que conceberam o percurso desta igreja, ela aparece assim como um espaço unitário que se relaciona de forma direta e clara entre as suas funções e a cidade. Respondendo com dignidade ao programa encomendado e convidando ao recolhimento e à contemplação, mas ao mesmo tempo possibilitando o convívio e vida em comunidade. Por todos os fatores referidos anteriormente a igreja de Nossa Senhora de Lurdes é um exemplo de uma igreja para o “povo de Deus”, conceito pós-conciliar, que reflete a história da paróquia, a visão da comunidade local.



Figura 92  
Igreja de Santa Maria, Marco de  
Canaveses.



Figura 93  
Capela de São José, Quebrantões,  
Vila Nova de Gaia.



Figura 94  
Igreja de Santo António,  
Portalegre.



Figura 95  
Igreja de Nossa Senhora de Lurdes,  
Coimbra.

## Conclusão

Ao longo dos séculos a igreja foi assumindo diversas expressões formais, tendo o seu propósito sido mantido em moldes semelhantes nas várias soluções adotadas. Ao analisar três das soluções, entre uma diversidade de soluções existentes em Portugal, do início da década de noventa do séc. XX até à atualidade, é possível constatar que há vários elementos em comum, bem como o desejo de construir um espaço religioso que seja reflexo da sociedade contemporânea.

A liberdade criativa atribuída ao arquiteto é visível nas obras estudadas, sendo possível ver nos três casos um corte com o modo de pensar a igreja de Siza, visível na igreja de Santa Maria, do Marco de Canaveses, existindo nos casos estudados uma maior proximidade entre centro paroquial e igreja, não assumindo a igreja um desenho canónico. Porém pode-se afirmar que os três arquitetos, tal como Siza, trabalharam nos seus projetos recorrendo ao ritual litúrgico e à História da Arquitetura e Arte Sacra mas não se prenderam a ela.

### Forma

Nas igrejas de Nossa Senhora de Lurdes e de São José é pois possível ver uma reinterpretação dos volumes que construíram as igrejas ao longo dos tempos. Mas esses volumes são reinterpretados e podem ser descritos como pontuais na construção global da igreja. Em Siza podemos ver um edifício que se assemelha a uma igreja canónica, com duas torres na fachada principal, onde estão localizados os sinos, e um pórtico de grandes dimensões, um volume autónomo, que afirma a grandiosidade da igreja. Nas duas igrejas anteriormente referidas é possível ver duas reinterpretações deste tema, já não estando presente o pórtico de grandes dimensões mas sim de escala mais humana. A torre sineira é reinterpretada, no caso de São José, sendo construída como um muro que articula os dois polos do projeto, centro paroquial e igreja. Em Nossa Senhora de Lurdes a torre é desenhada com uma relação mais próxima com a História, aparecendo destacada do edifício e afirmando-se verticalmente da envolvente existente. No caso da igreja de Santo António não é visível do exterior nenhuma relação com a imagem que os fiéis se foram habituando a associar a uma igreja, não possuindo nenhum elemento visual exterior que a identifique como tal. Na capela de São José e na igreja de Nossa Senhora de Lurdes tal identificação é facilitada através da existência exterior de uma cruz no acesso ao espaço do adro de cada uma delas.

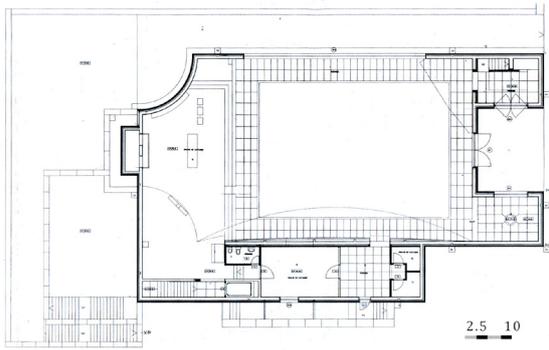


Figura 96  
 Planta igreja de Santa Maria,  
 Marco de Canaveses.

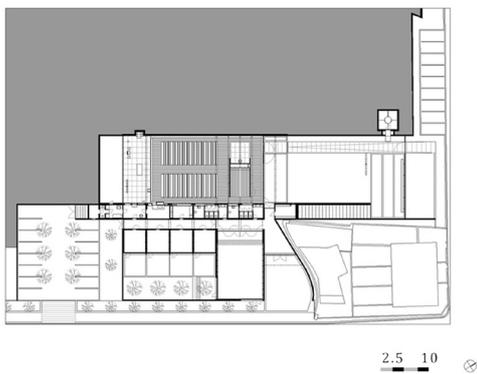


Figura 97  
 Planta capela de São José,  
 Quebrantões, Vila Nova de Gaia.

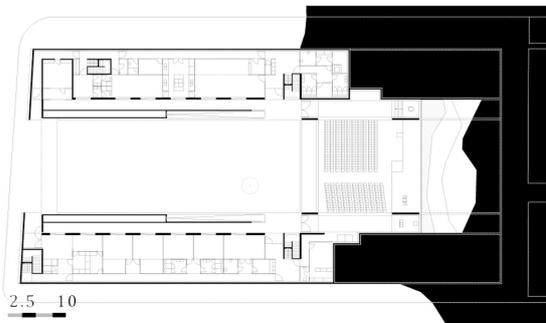


Figura 98  
 Planta igreja de Santo António,  
 Portalegre.

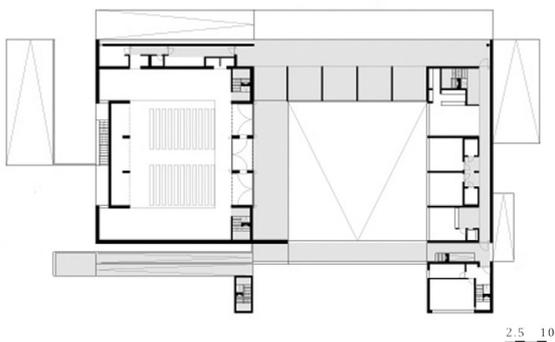


Figura 99  
 Planta igreja de Nossa Senhora de  
 Lurdes, Coimbra.

## Conclusão

### Adro

A existência de um adro, lugar que sempre teve a sua importância a nível urbanístico como “espaço ancestral de encontro e troca na cidade medieval”<sup>1</sup>, possibilita o encontro, o alargamento da cidade ou mesmo a monumentalização de edifícios ou igrejas, destacando-os da malha envolvente.<sup>2</sup> O adro existe nos casos estudados, sendo concebido como espaço de encontro e convívio da comunidade local, criando relação entre a igreja e a cidade.

O adro é concebido de forma diferente nestes três projetos, embora o adro dos três possua uma conceção semelhante na sua base, por ser limitado por um volume contínuo que o rodeia, volume esse que contém a igreja e o centro paroquial, criando um espaço contido, recolhido, que se relaciona pontualmente com a cidade, contrariamente ao adro de Siza que é definido pela envolvente urbana pré-existente e por três volumes que definem a igreja e os seus programas complementares (igreja e capela mortuária, auditório e salas de catequese, residência paroquial). Esta constituição por diferentes volumes, em vez de um só que junte as diversas funções, atribui à igreja um carácter objetual e de destaque em relação à envolvente, como refere Cidália Silva.<sup>3</sup>

### Entrada

A entrada destas igrejas é feita de forma diferente, cada uma com a sua especificidade e simbologia de percurso, tendo no entanto pontos semelhantes.

A entrada na igreja de Santo António e capela de São José é feita junto às paredes laterais do espaço litúrgico, não sendo possível fazer a entrada a eixo do espaço, o que permite uma entrada faseada, uma transição gradual para o recolhimento interior de cada um. Este método de entrada é contrariado em Nossa Senhora de Lurdes, sendo nesse caso possível fazer uma entrada a eixo, que é utilizada em cerimónias litúrgicas especiais, como referiu o pároco. Em Santa Maria, Siza desenhou o grande pórtico de entrada, que possui uma porta de dimensões menores de cada um dos lados, que servem para o uso diário da igreja, sendo esse um ponto comum com a maioria das igrejas paroquiais presentes no território nacional.

---

1 - Grande, Nuno – O verdadeiro mapa do universo. E|d|arq, Gráfica de Coimbra, Lda, Coimbra, 2002. P. 41.

2 - Grande, Nuno – O verdadeiro mapa do universo. E|d|arq, Gráfica de Coimbra, Lda, Coimbra, 2002.

3 - Silva, Cidália Maria Ferreira da – Três momentos da arquitetura religiosa do séc. XX em Portugal. Coimbra 1999. Prova Final de Licenciatura em Arquitetura, dARQ-FCTUC. P. 136



Figura 100  
Igreja sobre a água (1988).

## Conclusão

### Conceção do espaço litúrgico

A luz, mas também a escolha de materiais, tem um papel importante na definição dos elementos espaciais, sua união ou destaque. Nas quatro igrejas referidas o altar encontra-se num plano a uma cota superior, embora varie entre um degrau, na igreja de Santo António e três degraus na igreja de Santa Maria.

Na igreja de Santo António a conceção do espaço litúrgico, todo com o mesmo pé-direito, define-o como um espaço unitário, sendo a escolha dos materiais um elemento unificador do espaço, sendo o altar destacado pela luz e por uma plataforma de granito que se destaca do pavimento do espaço da assembleia que é um pavimento contínuo preto.

A solução adotada em Nossa Senhora de Lurdes tem um carácter semelhante em alguns pontos mas o espaço da assembleia assume-se como um espaço mais centralizado que a planta longitudinal de Santo António e de São José. Embora o presbitério pudesse ter uma maior união com a assembleia por se encontrar mais centralizado e com uma maior proximidade, tal não se verifica devido ao facto de o presbitério se encontrar num ponto com maior pé-direito e de as opções cromáticas dos materiais de revestimento de paredes e teto serem mais claros nessa área. Grande parte da assembleia tem o pé-direito inferior ao do altar, que a transforma num espaço mais sombrio quando se junta o facto de pavimento ser preto.

Em São José a solução adotada é a de separar os diferentes espaços da igreja. Isto é feito recorrendo a um jogo de alturas de pé-direito, e de inclinações da cobertura, que direcionam ao luz e atribuem diferentes intensidades luminosas aos diferentes espaços, focando a atenção dos fiéis no altar.

A organização interna da assembleia intensifica esta importância atribuída ao altar, sendo possível neste ponto ver uma relação entre os três casos de estudo, de planta aproximadamente quadrangular, bem como na igreja do Marco de Canaveses, de organização longitudinal, com as igrejas pré-conciliares em que a assembleia se senta em bancos compridos, organizados paralelamente ao altar todos voltados para eles, embora Flavio Barbini tenha tentado criar uma maior aproximação entre ambos não desenvolvendo o espaço litúrgico no sentido longitudinal do volume. Esta relação estática de contemplação da cerimónia é quebrada com o recurso a elementos contemporâneos do espaço litúrgico, ao modo como a igreja se abre para o exterior, aos materiais adotados e o modo como a igreja é adornada.



Figura 101  
Interior igreja de Santa Maria,  
Marco de Canaveses.



Figura 102  
Interior capela da São José,  
Quebrantões, Vila Nova de Gaia.

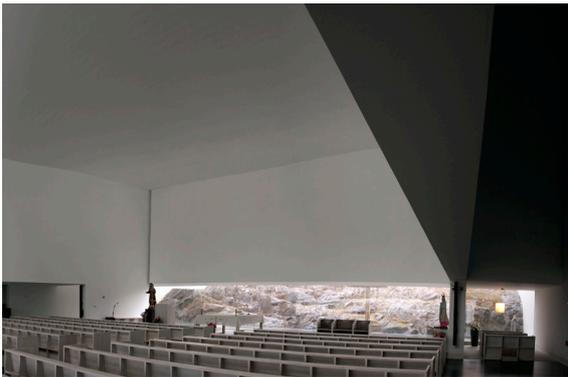


Figura 103  
Interior igreja de Santo António,  
Portalegre.



Figura 104  
Interior igreja Nossa Senhora de  
Lurdes, Coimbra.

## Conclusão

### Relação com o exterior

A relação com o exterior também é feita de modo diferenciado, sendo pois possível afirmar que visualmente a igreja de Nossa Senhora de Lurdes possui o desenho mais hermético, só existindo relação visual com o exterior nos momentos em que as portas estão abertas, permitindo ao mesmo tempo estender o espaço sacro para o adro.

Na capela de São José, embora não se permita alargar a celebração para o espaço do adro, é possível ir descobrindo o que existe dentro do espaço celebrativo. Ao percorrer o caminho de acesso, o observador vai descobrindo, através dos planos de vidro, a igreja que se desenvolve para lá da capela batismal, vendo o altar que se abre para o exterior.

Essa relação exterior-interior é perceptível na igreja de Santo António, em que ainda na rua o observador pode perceber a celebração que esteja a decorrer e ver, a cerca de 50 metros de distância, a assembleia e o ministro celebrante entre dois planos de vidro, vendo também através do altar a rocha que fecha a igreja, no espaço onde a igreja se volta a abrir para o exterior.

Estas relações com o exterior são elementos contemporâneos, elementos que servem para criar relação com a cidade ou com a paisagem, tal como acontece em Santa Maria ou na igreja sobre a água de Tadao Ando (1988). É através dessa relação, entre o mundano e o visionário, relacionando ambos com o lugar em que se implanta, que o arquiteto faz a “ancoragem sensorial da obra no seu lugar”, como afirma Zumthor.<sup>4</sup>

### Luz

A luz é um elemento com grande importância na arquitetura, mas quando o objeto arquitetónico em causa é um espaço religioso a luz ganha uma dimensão ainda mais elevada, uma dimensão mística. São necessárias as “gradações de sombras e escuridão para que as coisas possam sobressair sob a magia da luz”<sup>5</sup>, sendo assim possível destacar um espaço ou ponto em relação ao todo da igreja.

Nos três casos estudados pode-se ver o recurso à luz para destacar o sacrário e o altar. A mesma luz que destaca esses elementos, unifica-os num só espaço celebrativo, aproximando o espaço do presbitério da assembleia, tal como é possível constatar na igreja do Marco de Canaveses.

---

4 - Zumthor, Peter – Pensar a arquitetura. Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona, 2009. P. 42.

5 - Zumthor, Peter – Pensar a arquitetura. Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona, 2009. P. 86.



## Conclusão

Em São José, José Fernando Gonçalves desenha um percurso que utiliza as sombras na entrada do espaço celebrativo e que vai descobrindo a luz à medida que se percorre o interior do espaço litúrgico. Nesta capela, a luz tem um papel de extrema importância na zona dedicada à capela mortuária e na credência, em que a luz zenital dá outra harmonia ao espaço e lhe adiciona uma dimensão mística de ascensão. O mesmo acontece na igreja de Santo António, em que Carrilho da Graça recorre à luz Zenital capela batismal, criando para esse fim um poço de luz. Nesta igreja a luz é trabalhada de um modo semelhante ao de Siza, unifica o espaço mas ao mesmo tempo realça determinados locais ou mobiliário. Em Nossa Senhora de Lurdes, o modo como Barbini trata a luz atribui uma misticidade diferente à igreja, a luz incide essencialmente sobre o altar, destacando-o do todo, deixando o espaço da assembleia menos iluminado, criando assim uma separação entre estes dois espaços.

## Adorno

O modo como Carrilho da Graça, José Fernando Gonçalves e Álvaro Siza desenham os seus espaços e o adornam é semelhante pelo seu minimalismo. Nas igrejas destes três arquitetos é possível ver uma relação com a arquitetura religiosa do norte da Europa, em que o adorno é mínimo e pontual, em que é através da luz, da constituição dos volumes, ou planos, que se destaca um elemento ou se afirma a fé e o transcendente. Nestes três espaços é possível verificar que os elementos presentes são apenas um crucifixo, a imagem dos padroeiros e no caso dos dois primeiros referidos, referência à via-sacra. Os três arquitetos colocam as imagens dos padroeiros à altura do observador, criando uma relação mais próxima com o mesmo, algo que não acontecia nos anteriores modelos da arquitetura religiosa. Aqui os Santos não deixam de ser um exemplo a seguir, mas a Igreja quer que os fiéis os vejam como um exemplo que está ao seu alcance.<sup>6</sup>

As estações da via-sacra aparecem representadas de modo diferentes nestes casos, de forma mais simbólica, através de uma representação por crucifixos, em Carrilho da Graça, de uma forma temporária de placas de Madeira em José Fernando Gonçalves. Neste último caso a forma final, que ainda não foi realizada por motivos financeiros será constituída por imagens de baixo-relevo feitas em blocos de cimento que inseridos no plano de parede apenas se diferenciarão por terem imagens no seu relevo.

---

6 - Siza, Álvaro; Higinio, Nuno – Igreja de Santa Maria, Marco de Canaveses: Álvaro Si-za. Francisco Guedes, Marco de Canaveses, Paróquia de Santa Marinha de Fornos, 1998. P. 42.



## **Conclusão**

A solução adotada na igreja de Nossa Senhora de Lurdes será mais próxima da de São José, embora se diferencie dela. As imagens aparecem de forma clara e são destacadas do plano de parede onde se encontram. Tal acontece pelo facto de não terem sido desenhadas para este mesmo local nem pelo arquiteto que concebeu o espaço.

## **Mobiliário**

O mobiliário presente na igreja de Nossa Senhora de Lurdes foi, na sua maioria, transferido da antiga igreja, que existia nesta paróquia, sendo portanto elementos de diferentes tempos da História da arte sacra.

Na igreja de Santo António e de São José o mobiliário foi desenhado de modo a que seja parte integrante do conjunto de igreja. Nesse sentido as peças do presbitério (Altar, ambão, cadeiras, credência) foram desenhados pelo arquiteto, ficando apenas a autoria das esculturas para terceiros. Isto atribui unidade a todo o conjunto, no entanto devido a uma combinação de diversos fatores anteriormente referidos, como a luz e a cota a que se encontram, cada uma destas peças ganha um significado diferente ou destaca-se das demais.

O altar é uma das peças que possui formas diferentes nas três igrejas, ganhando dessa forma ligeiras alterações à sua simbologia. Nos três casos o altar é desenhado como “a mesa”, na qual Jesus se reuniu com os apóstolos na última ceia, mas enquanto Carrilho da Graça desenha a mesa quadrada, que atribui maior proximidade a todos os que se encontram à sua volta, José Fernando Gonçalves desenha uma mesa retangular, forma mais tradicional de altar. Em Nossa Senhora de Lurdes o altar não foi desenhado por Barbini mas sim por uma arquiteta que fazia parte uma comissão organizada pela paróquia. Este altar, embora de madeira e de base retangular assume outra dimensão devido à sua espessura, ficando assim mais perto do altar enquanto mesa onde são entregues os sacrifícios, como acontece na igreja de Santa Maria em que o altar é uma peça de pedra.

Outros elementos assumem desenhos diferentes nestes casos, existindo em Nossa Senhora de Lurdes maior proximidade com elementos mais tradicionais, que em São José e em Santo António. O exemplo que sobressai neste campo é o desenho da cruz, um elemento com uma carga simbólica tão grande para os cristãos. No primeiro caso referido é um crucifixo que já existia na paróquia e que tem uma representação de Cristo, enquanto nos outros dois casos os autores desenharam a cruz estilizada, sem a imagem explícita de Cristo, aproximando-se mais da concepção

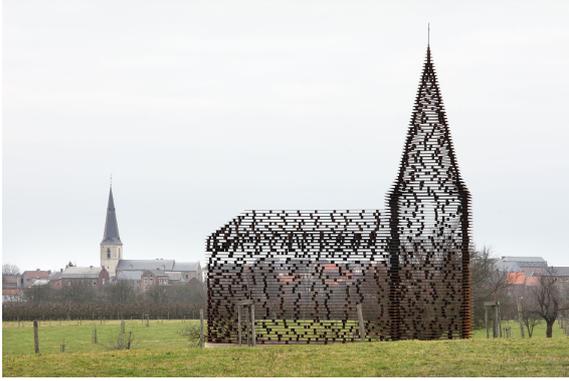


Figura 105  
“Reading Between the Lines” (2011),  
Looz, Bélgica.



Figura 106 e 107  
Exterior e interior, Capela em Villea-  
ceron (2001), Almadén, Espanha.  
S.M.A.O.



Figura 108  
Igreja (2010), Ponferrada, Leon,  
Espanha.  
Vicens + Ramos.

## Conclusão

contemporânea.

### As igrejas para o séc. XXI

Analisadas as obras anteriormente referidas, como exemplo da arquitetura religiosa contemporânea em Portugal nos últimos vinte anos, pode-se concluir que nos três casos há relações com a História da Arquitetura Religiosa, não só portuguesa mas também de outras correntes internacionais. Esses elementos podem ser simples apontamentos ou questões formais mais explícitas, como uma torre ou um adro que é reinterpretado.

Estas igrejas têm em comum o facto de utilizarem a luz natural para atribuir misticidade ao espaço, destacando elementos ou unificando-os. Essa mesma luz é pois ferramenta de trabalho dos autores e um ponto com bastante importância a nível da conceção do espaço.

Através dessa conceção do espaço estas igrejas criam relações com o exterior, que aumentam a interação entre o que é sacro e o que é mundano. Esta relação exterior - interior pode criar espaços que são interiores e exteriores ao mesmo tempo, como acontece na igreja, abrigo de oração, “Reading Between the Lines” em Looz, Bélgica, do arquiteto Gijs Van Vaerenbergh, 2011, em que o espaço, um espaço ao ar livre, é concebido por perfis metálicos que definem um “abrigo” que se assemelha à silhueta da igreja dessa cidade. Nos casos estudados essa relação interior - exterior é feita por espaços de transição e não diretamente para a cidade, como acontece no caso anteriormente referido e na igreja de Santa Maria, do Marco de Canaveses, ou para a paisagem natural, como acontece na igreja sobre a água, de Tadao Ando, em que o altar se abre para um lago, que tem uma cruz a sair da água, e que tem árvores como plano de fundo.

Não existe uma solução universal para o espaço religioso contemporâneo. Embora o espaço religioso seja influenciado pelo ritual litúrgico, este não obriga a uma solução única, permitindo liberdade criativa aos artistas envolvidos na conceção do mesmo. Como afirmava Romano Guardini, teólogo italiano (1885-1968), o fator mais importante na conceção destes espaços é criar um ambiente que leve ao silêncio, não um silêncio vazio mas um silêncio capaz de unir a comunidade presente, numa comunidade espiritual, que se reúna para adorar a Deus, afirmando que sem esse silêncio “tudo fica pouco sério e vão”.<sup>7</sup>

---

7 - Guardini, Romano – “O Silêncio” [Em Linha] [http://www.snpcultura.org/obs\\_13\\_propositos\\_formacao\\_mrar.html](http://www.snpcultura.org/obs_13_propositos_formacao_mrar.html) [Consult. 26 Jan. 2012]



Figura 109 e 110  
Igreja, Rivas-Vaciamadrid, Madrid,  
Espanha.  
Vicens + Ramos.



Figura 111  
Igreja (2009), Foligno, Itália.  
Massimiliano & Doriana Fuksas.

## Conclusão

“Sendo assim, projetar, planejar, desenhar, não deverão traduzir-se para o arquiteto na criação de formas vazias de sentido, impostas por capricho da moda ou por capricho de qualquer outra natureza. As formas que ela criará deverão resultar de um equilíbrio sábio entre a sua visão pessoal e a circunstância que o envolve e para tanto deverá ele conhecê-la intensamente, tão intensamente que conhecer e ser se confundem, contrariando os aspetos negativos e valorizando os aspetos positivos.”<sup>8</sup>

Estes espaços surgem assim como um reflexo dessa premissa. Foram concebidos para um local e para uma comunidade, embora algumas das visões formais de igreja, adotadas pelo arquiteto, possam não ter sido imediatamente aceites. Refletem o desejo dessa comunidade de adorar a Deus, de reunir em comunidade para celebrar a sua fé ou um local em que os fiéis possam reunir a comunidade para realizar reuniões, festas, etc... A conceção do espaço religioso assume grande importância na aproximação entre fiéis e ministro celebrante, mas não é o elemento que mais condiciona essa aproximação. Essa aproximação tem uma grande relação com fatores pessoais e culturais, tendo a Igreja, nas reflexões feitas no Concílio do Vaticano II, alterado o ritual litúrgico de modo a que a assembleia se sinta parte integrante do mesmo.

Estas igrejas, definem-se então como um espaço em que as pessoas se sentem parte da conceção arquitetónica e em que a arquitetura não chame a atenção para si mas para a função que desempenha.

---

8 - Távora, Fernando – Da organização do espaço. 8ª Ed. Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Inova / Artes Gráficas, Porto 2008. P. 74.



## Glossário

**Altar** - Mesa consagrada onde se celebra missa. Mesa em que o sacerdote pagão sacrificava à divindade.

**Ambão** - Local, geralmente um estrado ou um púlpito, de onde é feita a leitura da Bíblia na missa.

**Assembleia** - Grupo de pessoas reunidas.

**Batistério** - Lugar onde está a pia batismal.

**Bíblia** - Coleção dos livros sagrados do Antigo e do Novo Testamento.

**Cálice** - Vaso que serve na missa para a consagração do vinho.

**Círio-Pascal** - Vela grossa de cera, que representa a Luz de Cristo. Esta Vela é usada durante as missas do Tempo Pascal, durante batizados, a Profissão de Fé e o Crisma. Esse Círio tem em si: O alfa (A), ou a letra A (Cristo é princípio). O ómega ( $\Omega$ ), ou a letra Z (Cristo é o fim). O ano em curso (A Ele o tempo e a eternidade). A cruz (símbolo da redenção). O (Chi) X e o (Rho)  $\rho$  (letras gregas) que são o anagrama de Cristo ( $\chi\rho\iota\sigma\tau\acute{o}\varsigma$ ); durante a Vigília pascal, o sacerdote insere no Círio cinco (5) grãos de incenso, ou algo para destacar-se na vela. Representam as cinco chagas de Cristo na Cruz: a coroa de espinhos, o prego da mão direita, o prego da mão esquerda, o prego dos pés, e o corte feito no lado direito do seu peito, por um soldado romano, vendo que Ele já estava morto.

**Coro** - Zona que alberga o grupo de pessoas que canta, faz a animação da missa.

**Credência** - Mesa junto ao altar para o serviço da missa.

**Evangelho** - Doutrina de Cristo. Cada um dos quatro livros principais que a encerram (o Evangelho de S. Mateus, o de S. Lucas, o de S. Marcos e o de S. João), contidos no Novo Testamento, Bíblia.



## Glossário

**Hóstias** - Vítima oferecida em sacrifício à divindade. Partícula circular de massa de trigo sem fermento, consagrada e oferecida a Deus pelo sacerdote na missa. Partícula análoga que se emprega na administração do sacramento da Eucaristia.

Patena Prato de metal que se coloca por baixo das Hóstias no momento da comunhão.

**Pia batismal** - Local onde se guarda a água para batizar; pedra escavada em forma de vaso que serve para batizar.

**Píxide/Cibório** - Vaso em que contém as Hóstias consagradas.

**Presbitério** - Capela-mor.

**Sacrário** - Pequeno armário onde se guarda a Píxide/Cibório.

**Sanguíneo** - É um pano retangular e comprido que serve para purificar, ou seja limpar o cálice, a patena e as âmbulas após a Comunhão. Também serve para cobrir a boca do cálice, enquanto a patena fica por cima dele, antes da Liturgia eucarística.

**Sede Presidencial** - Cadeira do presidente da celebração. Não é apenas um elemento funcional mas também um elemento simbólico, o local onde o representante de Cristo preside à celebração.

**Via-sacra** - Série de catorze “quadros” que representam as cenas principais da Paixão de Cristo. As orações que se rezam diante desses “quadros”.



## Bibliografia

AGÊNCIA ECCLESIA. “A renovação da arquitetura religiosa em Portugal” [Em Linha] <http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/noticia.pl?id=5503> [Consult. 21 Out. 2012]

AGÊNCIA ECLÉSIA, Agência de Notícias da Igreja Católica em Portugal. “Portugal: Igreja de Siza Vieira é monumento de interesse Nacional.” [Em Linha] [www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/noticia.pl?id=95501](http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/noticia.pl?id=95501) [Consult. 18 Mar. 2013]

Albieri, Roberta – João Luís Carrilho da Graça: Opere e Progetti. Electra, Mi-lão, 2006. ISBN 978-883-704-238-7

Alves, Laurinda. [Em Linha] [www.laurindaalves.blogs.sapo.pt/224929.html](http://www.laurindaalves.blogs.sapo.pt/224929.html) [Consult. 5 Jun. 2013]

ARCHDAILY, site de arquitetura. “Boa Nova Church / Roseta Vaz Monteiro Ar-quitectos.” [Em Linha] <http://www.archdaily.com/121074/boa-nova-church-rose-ta-vaz-monteiro-arquitectos/> [Consult. 17 Mai. 2013]

ARCHDAILY, site de arquitetura. “Igreja do Convento de São Domingos / José Fernando Gonçalves & João Paulo Providência.” [Em Linha] <http://www.archdaily.com/72719/igreja-do-convento-de-sao-domingos-jose-fernando-goncalves-joao-paulo-providencia/> [Consult. 15 Mai. 2013]

ARCHDAILY, site de arquitetura. “St. Antonio’s Church & St. Bartolomeu So-cial Center / JLCG Arquitectos.” [Em Linha] <http://www.archdaily.com/91978/st-antonio%E2%80%99s-church-st-bartolomeu-social-center-jlcv-arquitectos/> [Consult. 15 Mai. 2013]

ARQUITETURA E LITURGIA, blog de arquitetura e arte religiosa, liturgia e es-paço litúrgico. [Em Linha] [www.arquiteturaeliturgia.blogspot.pt/2010/06/aponta-mentos-sobreo-dialogo-com-os.html](http://www.arquiteturaeliturgia.blogspot.pt/2010/06/aponta-mentos-sobreo-dialogo-com-os.html) [Consult. 29 Mai. 2013]

BARBINI ARQUITETOS. [Em Linha] <http://www.barbiniarquitectos.com/>



## Bibliografia

projectos.html [Consult. 5 Set. 2012]

BÍBLIA SAGRADA, 8ª ed, Difusora Bíblica, Missionários Capuchinhos, Lisboa, 1978.

BICA ARQUITETOS. “Igreja de Nossa Senhora das Necessidades” [Em Linha] <http://bicaarquitectos.carbonmade.com/projects/2741988#19> [Consult. 14 Jul. 2013]

Branco, Micaela Sofia Alves – A importância da luz na arquitetura religiosa contemporânea. Porto, 2008. Dissertação Académica Arquitetura, Universidade Luíada do Porto.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA. “Igreja de São João de Deus” [Em Linha] <http://www.cm-lisboa.pt/en/equipments/equipamento/info/igreja-de-sao-joao-de-deus> [Consult. 15 Jun. 2013]

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA. “Igreja do Sagrado Coração de Jesus”. [Em Linha] <http://www.cm-lisboa.pt/en/equipments/equipamento/info/igreja-do-sagrado-coracao-de-jesus> [Consult. 15 Jun. 2013]

CÁRITAS DIOCESANA DE PORTALEGRE E CASTELO BRANCO. “Inauguração da igreja de Santo António” [Em Linha] <http://www.caritas.pt/ficheiros/portalegre/file/31-a%20inauguracao%20da%20igreja%20de%20santo%20antonio.pdf> [Consult. 5 abr. 2013]

CARRILHO DA GRAÇA, arquitetos. “Sto. António Church & Community Centre” [Em Linha] [www.jlccg.pt/St\\_antonio](http://www.jlccg.pt/St_antonio) [Consult. 10 Dez. 2012]

Carvalho, Paula Torres de - “Igreja do Sagrado Coração de Jesus é monumento nacional”, Jornal Público. [Em Linha] [http://www.publico.pt/Local/igreja-do-sagrado-coracao-de-jesus-e-monumento-nacional\\_1472786](http://www.publico.pt/Local/igreja-do-sagrado-coracao-de-jesus-e-monumento-nacional_1472786) [Consult. 26 Out. 2011]

COMPANHIA DE JESUS, essejota.net. “Os tempos do Concílio do Vaticano II” [Em Linha] <http://www.esejota.net/index.php?a=vnrhrlqqvkuivvqluprhrsqhutr>



## Bibliografia

qqkqruiqjrurursqornvvqnqlqrvrqrurn [Consult.20 Out 2012]

CONCÍLIO DO VATICANO II. “ Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja” [Em Linha] [http://www.vatican.net/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19641121\\_lumen-gentium\\_po.html](http://www.vatican.net/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html) [Consult. 19 Out. 2011]

CONCÍLIO DO VATICANO II. A sagrada Liturgia [Em Linha] Disponível em [www.vatican.net/archive/hist\\_concils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19631204\\_sacrosanctum-concilium-po.html](http://www.vatican.net/archive/hist_concils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium-po.html) [Consult. 19 out. 2012]

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A CULTURA. “Para uma Pastoral da Cultura” [Em linha] [http://www.snpcultura.org/quem\\_somos\\_identidade.html](http://www.snpcultura.org/quem_somos_identidade.html) [Consult. 3 Fev. 2012]

Coutinho, Vítor – Linhas orientadoras para a construção e organização de espaços litúrgicos. Gráfica de Coimbra, 2 publicações, Lda. Coimbra 2005. ISBN 972-603-355-1

Cunha, João Alves da – “Igreja de Santo António, Portalegre” SNPC [Em Linha] [www.snpcultura.org/obs\\_13\\_igreja\\_santo\\_antonio\\_portalegre.html](http://www.snpcultura.org/obs_13_igreja_santo_antonio_portalegre.html) [Consult. 5 Jun. 2013]

Cunha, João Alves da – “MRAR: Movimento de Renovação da Arte Religiosa” SNPC [Em Linha] [http://www.snpcultura.org/obs\\_13\\_movimento\\_renovacao\\_arte\\_religiosa.html](http://www.snpcultura.org/obs_13_movimento_renovacao_arte_religiosa.html) [Consult. 7 Nov. 2011]

Cunha, João Alves da - “5.º Prémio Internacional de Arquitetura Sacra Frate Sole: algumas notas” SNPC [Em Linha] [http://www.snpcultura.org/premio\\_arquitetura\\_frate\\_sole\\_2012\\_algumas\\_notas.html](http://www.snpcultura.org/premio_arquitetura_frate_sole_2012_algumas_notas.html) [Consult. 23 Mai. 2013]

Cunha, João Alves da - “A renovação (de novo) presente” SNPC [Em Linha] [http://www.snpcultura.org/obs\\_13\\_a\\_renovacao\\_de\\_novo\\_presente.html](http://www.snpcultura.org/obs_13_a_renovacao_de_novo_presente.html) [Consult. 19 Out. 2012]



## Bibliografia

Cunha, João Alves da - “Nuno Teotónio Pereira, Nuno Portas e outros fundadores do Movimento de Renovação de Arte Religiosa reencontram-se para conferência e debate” SNPC [Em Linha] [http://www.snpcultura.org/nuno\\_teotonio\\_pereira\\_e\\_fundadores\\_mrar\\_reencontram\\_se.html](http://www.snpcultura.org/nuno_teotonio_pereira_e_fundadores_mrar_reencontram_se.html) [Consult. 1 Fev. 2013]

Cunha, João Alves da - “Nuno Teotónio Pereira: Vida e Obra”, SNPC [Em Linha] [http://www.snpcultura.org/nuno\\_teotonio\\_pereira\\_vida\\_e\\_obra.html](http://www.snpcultura.org/nuno_teotonio_pereira_vida_e_obra.html) [Consult. 1 Fev. 2013]

Cunha, Luiz – entrevista [Em Linha] <http://www2.ufp.pt/~avoliv/trab%20teo%20alunos/entrevista%20luiz%20cunha.pdf> [Consult. 21 Out 2011]

DARCO, revista de arquitetura. “Barbini Arquitetos, Igreja Coimbra, 2005, Portugal.” [Em Linha] <http://d-arco.blogspot.pt/2009/02/barbini-arquitectosigreja.html> [Consult. 5 Mai. 2013]

DARCO, revista de arquitetura. “João Luís Carrilho da Graça, Igreja de Stº António, 2007, Portalegre, Portugal.” [Em Linha] <http://d-arco.blogspot.pt/2009/06/joao-luis-carrilho-da-gracaigreja-de-st.html> [Consult. 5 Mai. 2013]

DIÁRIO DA REPÚBLICA. “Igreja de Santa Maria.” Diário da República, 2ª Série – Nº 92, 14 de Maio 2013, Portaria nº 288/2013, INCM, Lisboa 2013.

EUROPACONCORSI, site de arquitetura. “Capella a Quebrantões.” [Em Linha] <http://europaconcorsi.com/projects/111472-Capella-a-Quebrant-es> [Consult. 2 Jun. 2013]

EUROPACONCORSI, site de arquitetura. “Igreja da Nossa Senhora das Necessidades.” [Em Linha] <http://europaconcorsi.com/projects/202019-Igreja-De-Nossa-Senhora-Das-Necessidades> [Consult. 2 Jun. 2013]

EUROPACONCORSI, site de arquitetura. “Stº Antonio Church.” [Em Linha] <http://europaconcorsi.com/projects/68694-St-Antonio-Church/print> [Consult. 2 Jun. 2013]



## Bibliografia

Gonçalves, José Fernando. CES-UC, Coimbra. [Em Linha] [http://www.ces.uc.pt/investigadores/cv.php?id\\_investigador=398&id\\_lingua=1](http://www.ces.uc.pt/investigadores/cv.php?id_investigador=398&id_lingua=1) [Consult. 14 Jul. 2013]

Graça, João Luís Carrilho da – Carrilho da Graça: Introdução Gonçalo Byrne. Blau, Lisboa, 1995. ISBN 972-8311-02-8

Graça, João Luís Carrilho da – Conferência ISCTE-IUL, 12 Nov. 2009. Vídeo de Márcio Lameirão [Em Linha] [www.youtube.com/watch?v=5fbRQKHGHLc](http://www.youtube.com/watch?v=5fbRQKHGHLc) [Consult. 1 Fev. 2013]

Grande, Nuno – O verdadeiro mapa do universo. E|d|arq, Gráfica de Coimbra, Lda, Coimbra, 2002. ISBN 972-97383-7-8

Guardini, Romano – “O Silêncio” [Em Linha] [http://www.snpcultura.org/obs\\_13\\_propositos\\_formacao\\_mrar.html](http://www.snpcultura.org/obs_13_propositos_formacao_mrar.html) [Consult. 26 Jan. 2012]

HABITAR PORTUGAL, Ordem dos Arquitetos. “Capela de Quebrantões: José Fernando Gonçalves.” [Em Linha] <http://habitarportugal.arquitectos.pt/pt/projects/11.html> [Consult. 6 Mai. 2013]

Henriques, Ana - “Restelo já tem igreja-caravela, apesar de toda a contestação”, Jornal Público. [Em Linha] [www.publico.pt/local/noticia/restelo-ja-tem-igreja-caravela-apesar-de-toda-a-contestacao-1522899#/0](http://www.publico.pt/local/noticia/restelo-ja-tem-igreja-caravela-apesar-de-toda-a-contestacao-1522899#/0) [Consult. 29 Nov. 2012]

INSTITUTO BÍBLICO TRANSCULTURAL. “Qual o templo de Deus” [Em Linha] [www.institutoibt.blogspot.pt/2012/01/qual-e-o-templo-de-deus.html?m=1](http://www.institutoibt.blogspot.pt/2012/01/qual-e-o-templo-de-deus.html?m=1) [Consult. 17 Mar. 2013]

JOSÉ FERNANDO GONÇALVES. [Em Linha] <http://www.josefernandogoncalves.com/#25516209457> [Consult. 10 Dez. 2012]

JTM, SNPC. “Diálogo entre a arte contemporânea e sagrado abre com obra de Rui Moreira” [Em Linha] [http://www.snpcultura.org/obs\\_13\\_dialogo\\_arte\\_contemporanea\\_sagrado\\_abre\\_com\\_obra\\_rui\\_moreira.html](http://www.snpcultura.org/obs_13_dialogo_arte_contemporanea_sagrado_abre_com_obra_rui_moreira.html) [Consult. 19 Out. 2011]



## Bibliografia

Lynch, Kevin – A imagem da cidade: Kevin Lynch. Trad. Maria Cristina Tavares Afonso. Edições 70, Lisboa, 1988.

Matos SJ, P. João Norton de – “Guardini e Couturier: origens do diálogo da fé com arquitetura e as artes no século XX” [Em Linha] [http://www.snpcultura.org/obs\\_13\\_propositos\\_formacao\\_mrар.html](http://www.snpcultura.org/obs_13_propositos_formacao_mrар.html) [Consult. 15 Dez. 2011]

Messias, João; Delmar, Alexandre. “Igreja de Quebrantões | Ar. José Fernando Gonçalves” [Em Linha] <http://vimeo.com/27071687> [Consult. 22 Nov. 2012]

MRAR. “Propósitos da formação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa” [Em Linha] [http://www.snpcultura.org/obs\\_13\\_propositos\\_formacao\\_mrар.html](http://www.snpcultura.org/obs_13_propositos_formacao_mrар.html) [7 Nov. 2011]

Neves, José Manuel das Neves – José Fernando Gonçalves – Habitar. Caleidoscópio – Edição de Artes Gráficas, SA, Casal de Cambra, 2007. ISBN 978-989-8010-57-5

Otowicz, Ana Paula – Catedrais do séc. XXI: resgate de fiéis através da forma ou da função? Cascavel, Brasil, 2008. Trabalho Final de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade Assis Gurgacz.

Paiva, Rita Ferreira Marques de – Luz e Sombra: a estética da luz nas igrejas de Sta. Maria e da Luz, de Siza e Ando. Lisboa, 2010. Dissertação de Mestrado em História de Arte Contemporânea, FCSH-UNL.

Pereira, José Carlos Francisco – “O Movimento de Renovação da Arte Religiosa e o papel artístico e pastoral do seu boletim” [Em Linha] [http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/4452/1/LS\\_S2\\_12\\_JoseCFPereira.pdf](http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/4452/1/LS_S2_12_JoseCFPereira.pdf) [Consult. 5 Nov. 2011]

Pinheiro, Samuel – “Casas de Deus.” [Em Linha] [www.samuelpinheiro.com/textos/casas%20de%20Deus.html](http://www.samuelpinheiro.com/textos/casas%20de%20Deus.html) [Consult. 18 Mar. 2013]

PRIBERAM, dicionário da Língua Portuguesa. [Em Linha] [www.priberam.pt/DLPO/](http://www.priberam.pt/DLPO/)



## Bibliografia

RELIGIONLINE. “As igrejas do século XXI são caixas, brancas e minimais” [Em Linha] <http://religionline.blogspot.com/2010/02/as-igrejas-do-seculo-xxi-sao-caixas.html> [Consult. 25 Mar. 2012]

Rita, Vera Lúcia de Sousa – A igreja da Santíssima Trindade, espaço religioso contemporâneo. Coimbra, 2010. Dissertação, M. I. Arquitetura, dARQ-FCTUC.

Silva, Cidália Maria Ferreira da – “Apontamentos sobre a arquitetura religiosa do séc. XX em Portugal.”, ECDJ 5, Coimbra, dARQ-FCTUC, Dezembro 2001, p. 98-105.

Silva, Cidália Maria Ferreira da – Três momentos da arquitetura religiosa do séc. XX em Portugal. Coimbra 1999. Prova Final de Licenciatura em Arquitetura, dARQ-FCTUC.

Siza, Álvaro – Igreja de Santa Maria = The Church of St Mary: Marco de Canaveses: Álvaro Siza Vieira. Paróquia de Santa Marinha de Fornos, 1998. ISBN 972-980-260-2

Siza, Álvaro – Imaginar a evidência: Álvaro Siza. Edições 70, Lisboa, 1998. [Em linha] ISBN 972-441-033-1 Disponível em [www.igrejamarcocanaveses.no.sapo.pt/teoria/teoria.html](http://www.igrejamarcocanaveses.no.sapo.pt/teoria/teoria.html) [Consult. 26 set. 2012]

Siza, Álvaro – Uma questão de medida. Caleidoscópio – Edição de Artes Gráficas, SA, Casal de Cambra, 2009. ISBN 978-989-658-010-0. P. 175-184.

Siza, Álvaro; Higinio, Nuno – Igreja de Santa Maria, Marco de Canaveses: Álvaro Siza. Francisco Guedes, Marco de Canaveses, Paróquia de Santa Marinha de Fornos, 1998. ISBN 972-970-328-0

SNPC, Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura. “MRAR - Movimento de Renovação da Arte Religiosa” [Em Linha] [http://www.snpcultura.org/obs\\_13\\_movimento\\_renovacao\\_arte\\_religiosa.html](http://www.snpcultura.org/obs_13_movimento_renovacao_arte_religiosa.html) [Consult. 10 Nov. 2012]

SNPC, Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura. “Jornadas «Liturgia, Arte e Arquitetura nos 50 anos do Vaticano II» reúnem em Lisboa cardeal-patriarca e pre-



## Bibliografia

sidente do Pontifício Conselho da Cultura” [Em Linha] [http://www.snpcultura.org/jornadas\\_liturgia\\_arte\\_arquitetura\\_nos\\_50\\_anos\\_concilio\\_vaticano\\_ii.html](http://www.snpcultura.org/jornadas_liturgia_arte_arquitetura_nos_50_anos_concilio_vaticano_ii.html) [Consult. 1 Out. 2012]

SNPC, Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura. “Três espaços religiosos português- dois da Igreja Católica – concorrem aos prémios Archdaily 2012” [Em Linha] [http://www.snpcultura.org/tres\\_espacos\\_religiosos\\_portugueses\\_concorrem\\_premios\\_archdaily\\_2012.html](http://www.snpcultura.org/tres_espacos_religiosos_portugueses_concorrem_premios_archdaily_2012.html) [Consult. 21 Mai. 2013]

Stauven, Francis – Aldo Van Eyck, The Shape of Relativity. Francis Straven and Architectura & Natura Press, Amsterdam, 1998. ISBN 907-157-061-4

Távora, Fernando – Da organização do espaço. 8ª Ed. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Inova / Artes Gráficas, Porto 2008. ISBN 978-972-9483-22-6

WIKIPÉDIA, enciclopédia livre. [Em Linha] <https://pt.wikipedia.org/>

WIKIPÉDIA, enciclopédia livre. “Igreja de São João de Brito” [Em Linha] [http://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja\\_de\\_S%C3%A3o\\_Jo%C3%A3o\\_de\\_Brito](http://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_de_S%C3%A3o_Jo%C3%A3o_de_Brito)[Consult. 1 Jul. 2013]

Zumthor, Peter – Pensar a arquitetura. Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona, 2009. ISBN 978-84-252-2332-7



## Fontes das Imagens

Figura 1: PAPELARIA BORGES, Coimbra.

Figura 2: IGESPAR [Em Linha] <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/69774/> [Consult. 15 Jun. 2013]

Figura 3: IGESPAR [Em Linha] <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/70395/> [Consult. 15 Jun. 2013]

Figura 4: IGESPAR [Em Linha] <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/69684/> [Consult. 15 Jun. 2013]

Figura 5: IGESPAR [Em Linha] <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/70821/> [Consult. 15 Jun. 2013]

Figura 6: Monteiro, João. Coimbra, 2013.

Figura 7: IGESPAR [Em Linha] <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/69784/> [Consult. 15 Jun. 2013]

Figura 8: IGESPAR [Em Linha] <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/70394/> [Consult. 15 Jun. 2013]

Figura 9: UNIVERSIDADE DE COIMBRA [Em Linha] [http://www.uc.pt/noticias/02\\_NL\\_2011/02\\_2011/intervencao\\_arqueologica/](http://www.uc.pt/noticias/02_NL_2011/02_2011/intervencao_arqueologica/) [Consult. 13 Jun. 2013]

Figura 10 e 11: Novais, Mário. [Em Linha] <http://www.flickr.com/photos/bi-blarte/2655434087/sizes/o/in/photostream/> [Consult. 15 Jul. 2013]

Figura 12: [Em Linha] <http://szakralis.wordpress.com/2009/03/12/aachen-st-fronleichnam-1928-1930/> [Consult. 15 Mai. 2013]

Figura 13: [Em Linha] <http://eng.archinform.net/projekte/2786.htm> [Consult. 1 Mai. 2013]

Figura 14: Juntas, Paulo. Lisboa.

Figura 15: Marques, Luís. Lisboa.

Figura 16: MRAR. “Arte Sacra Moderna”, Junho 1959, Porto.

Figura 17: Ferreira, João Pimentel. Porto.

Figura 18: Cunha, João Alves da. SNPC.

Figura 19: [Em Linha] <http://www-ext.lnec.pt/LNEC/DED/NA/arq/ntp/pr-jobr/prjobr.htm> [Consult. 20 Mai. 2013]

Figura 20: ORIGEM. [Em Linha] [http://www.norigem.pt/files/maquetas\\_0100\\_13\\_2.htm](http://www.norigem.pt/files/maquetas_0100_13_2.htm) [Consult. 3 Jul. 2013]

Figura 21: [Em Linha] <http://paroquiapacodearcos.com.sapo.pt/CASAdalgreja.htm> [Consult. 20 Jun. 2013]



## Fontes das Imagens

Figura 22: Sousa, Manuel. Porto.

Figura 23 a 26: Guerra, Fernando. [Em Linha] [www.ultimasreportagens.com](http://www.ultimasreportagens.com) [Consult. 10 Out. 2011 – 20 Jul. 2013]

Figura 27: CÂMARA MUNICIPAL DE BRAGANÇA [Em Linha] [http://www.frah.es/agenda-cultural-transfronteriza\\_PT.asp](http://www.frah.es/agenda-cultural-transfronteriza_PT.asp) [Consult. 1 Jul. 2013]

Figura 28: Real, Troufa. Lisboa, 2011.

Figura 29: Monteiro, João. Coimbra, 2012.

Figura 30: Tombazis, Alexandros. [Em Linha] <http://www.tombazis.com> [Consult. 5 Dez. 2012]

Figura 31: Cunha, João Alves da. SNPC. [Em Linha] [www.snpcultura.org/obs\\_13\\_igreja\\_santo\\_antonio\\_portalegre.html](http://www.snpcultura.org/obs_13_igreja_santo_antonio_portalegre.html) [Consult. 5 Jun. 2013]

Figura 32: Morgado, João.

Figura 33: Guerra, Fernando. [Em Linha] [www.ultimasreportagens.com](http://www.ultimasreportagens.com) [Consult. 10 Out. 2011 – 20 Jun. 2013]

Figura 34: Monteiro, João. Coimbra 2013.

Figura 35: Gonçalves, José Fernando. Porto 2005.

Figura 36: Monteiro, João. Coimbra 2013.

Figura 37: Gonçalves, José Fernando. Porto 2005.

Figura 39 – 53: Monteiro, João. Coimbra 2013.

Figura 54: Graça, João Luís Carrilho da. Lisboa 2008.

Figura 55: Guerra, Fernando. [Em Linha] [www.ultimasreportagens.com](http://www.ultimasreportagens.com) [Consult. 10 Out. 2011 – 20 Jun. 2013]

Figura 56 – 57: Graça, João Luís Carrilho da. Lisboa 2008.

Figura 58: Cunha, João Alves da. SNPC. [Em Linha] [www.snpcultura.org/obs\\_13\\_igreja\\_santo\\_antonio\\_portalegre.html](http://www.snpcultura.org/obs_13_igreja_santo_antonio_portalegre.html) [Consult. 5 Jun. 2013]

Figura 59 – 60: Guerra, Fernando. [Em Linha] [www.ultimasreportagens.com](http://www.ultimasreportagens.com) [Consult. 10 Out. 2011 – 20 Jun. 2013]

Figura 61: Cunha, João Alves da. SNPC. [Em Linha] [www.snpcultura.org/obs\\_13\\_igreja\\_santo\\_antonio\\_portalegre.html](http://www.snpcultura.org/obs_13_igreja_santo_antonio_portalegre.html) [Consult. 5 Jun. 2013]

Figura 62 – 65: Monteiro, João. Coimbra 2013.

Figura 66: Guerra, Fernando. [Em Linha] [www.ultimasreportagens.com](http://www.ultimasreportagens.com) [Consult. 10 Out. 2011 – 20 Jun. 2013]

Figura 67 – 72: Monteiro, João. Coimbra 2013.

Figura 73: Barbini, Flavio. Lisboa 2005.

Figura 74: Monteiro, João. Coimbra 2013.



## Fontes das Imagens

Figura 75: Barbini, Flavio. Lisboa 2005.

Figura 76 - 88: Monteiro, João. Coimbra 2013.

Figura 89 – 92: Guerra, Fernando. [Em Linha] [www.ultimasreportagens.com](http://www.ultimasreportagens.com) [Consult. 10 Out. 2011 – 20 Jun. 2013]

Figura 93: Monteiro, João. Coimbra 2013.

Figura 94: Cunha, João Alves da. SNPC. [Em Linha] [www.snpcultura.org/obs\\_13\\_igreja\\_santo\\_antonio\\_portalegre.html](http://www.snpcultura.org/obs_13_igreja_santo_antonio_portalegre.html) [Consult. 5 Jun. 2013]

Figura 95: Monteiro, João. Coimbra 2013.

Figura 96: Siza, Álvaro. Porto 1992.

Figura 97: Gonçalves, José Fernando. Porto 2005.

Figura 98: Graça, João Luís Carrilho da. Lisboa 2008.

Figura 99: Barbini, Flavio. Lisboa 2005.

Figura 100: Lee, Ji Young.

Figura 101: Guerra, Fernando. [Em Linha] [www.ultimasreportagens.com](http://www.ultimasreportagens.com) [Consult. 10 Out. 2011 – 20 Jun. 2013]

Figura 102 – 104: Monteiro, João. Coimbra 2013.

Figura 105: Dujardin, Filip. [Em Linha] <http://www.archdaily.com/298693/reading-between-the-lines-gijs-van-vaerenbergh/> [Consult. 9 Jun. 2013]

Figura 106 – 107: Suzuki, Hisao. [Em Linha] <http://www.archdaily.com/20945/chapel-in-villeaceron-smao/> [Consult. 3 Jun. 2013]

Figura 108: Vicens, Pablo. [Em Linha] <http://www.archdaily.com/88248/ponferrada-church-vicens-ramos/> [ 27 Nov. 2012]

Figura 109 – 110: Vicens, Pablo; Santonja, Ricardo. [Em Linha] <http://www.archdaily.com/26101/parish-church-of-santa-monica-vicens-ramos/> [Consult. 4 Dez. 2012]

Figura 111: Maggi, Moreno. [Em Linha] <http://www.archdaily.com/20217/new-church-in-foligno-doriana-e-massimiliano-fuksas/> [Consult. 4 Dez. 2012]

## **Anexos**

## **Capela de São José**

**Zona, Cidade – Quebrantões, Vila Nova de Gaia**

**Arq. José Fernando Gonçalves**

**Padroeiro/a quem foi dedicada – São José**

21 Fevereiro 2013 – conversa com Arq. José Fernando Gonçalves, dARQ - FCTUC, Coimbra

### **Questões relativas à obra**

#### **Qual o programa encomendado?**

O programa encomendado foi: Igreja e Centro Paroquial; Sacristia; Batistério; Salas de catequese; Capela mortuária; Espaço Polivalente.

#### **Foi feito algum pedido especial? Que requisitos foram feitos?**

Dimensões da igreja? Número de pessoas/capacidades?

Foi encomendada uma igreja para cerca de 220 pessoas.

Foi pedido algum símbolo ou particularidade para esta igreja?

Não foi feito nenhum tipo de requisito neste campo. Foi dada ao Arquiteto a liberdade criativa de conceber a ideia do espaço.

Em termos de espaço interno ou externo havia algum requisito?

Não foi feito nenhum tipo de requisito neste campo além do programa pedido. Foi dada ao Arquiteto a liberdade criativa de conceber a ideia do espaço.

Havia alguma condicionante para o arquiteto, ou para o seu desenho? (financeira ou algumas das anteriormente referidas)

Não foi imposta uma limitação formal, mas o arquiteto concebeu o espaço de modo a que os materiais usados não necessitassem de manutenção regular, nem de limpeza especial, não descuidando na expressão que esses materiais introduzem na vivência do espaço, escolhendo ao mesmo tempo materiais que sejam dignos e económicos. O arquiteto não quis sobrecarregar a capela com imagens e estatuária, definindo o espaço a partir do desenho de uma tipologia de igrejas comum na Alemanha, Finlândia, entre outros países do Centro e Norte da Europa, tendo as Obras de Aldo Van Eyck tido um papel importante nesse processo.

#### **Qual a reação dos paroquianos?**

Nem todos os paroquianos se identificaram de imediato com a capela, mas



## **Capela de São José**

com o passar do tempo o sentimento de propriedade sobre aquele espaço foi crescendo sendo hoje possível ver, na comunidade local, um sentimento de orgulho na sua capela.

### **Em relação ao resultado final:**

Existe alguma simbologia associada ao espaço?

As árvores localizadas no adro, embora inspiradas no trabalho de Louis Kahn, são doze para ser uma referência aos apóstolos de Jesus. A “gruta”, existente na parede Norte do Adro, possui uma abertura zenital, alinhada com uma pequena fonte que é cheia pelas águas pluviais, tendo esta sido pensada como uma referência ao batismo nos seus primórdios, quando as pessoas eram batizadas em espaços exteriores com água, ou em rios.

Existe alguma simbologia associada a peças ou pormenores?

A Igreja é feita pelos homens, nesse sentido o arquiteto desenhou a parede em blocos de cimento, que representam os homens. As placas de madeira, presentes nessas paredes, deveriam ser substituídas por blocos de cimento com imagens da via-sacra, gravadas em baixo-relevo. Estas imagens não foram esculpidas, até à data, por motivos financeiros. No momento em que elas passem a fazer parte do conjunto elas representariam ao mesmo tempo Deus que se fez Homem pelos homens, e morreu por eles.



# **Igreja de Santo António**

**Zona, Cidade – Bairro dos Assentos, Portalegre**

**Arq. João Luís Carrilho da Graça**

**Padroeiro/a quem foi dedicada – Santo António**

7 Junho 2013 – conversa com Padre Marcelino Dias Marques, Sé de Portalegre.

## **Questões relativas à obra**

### **Qual o programa encomendado?**

O programa encomendado corresponde ao programa existente.

Este é constituído pelo centro Social, com centro de dia para idosos e creche, igreja, casa paroquial, sala polivalente e sala de catequese.

O que pediu ao Arquiteto? O que estava à espera de encontrar?

Que requisitos foram feitos?

É difícil saber a resposta a esta pergunta visto o processo ter sido iniciado em 1993 com o Padre Joaquim Cabral, só tendo o projeto de execução entrado na Câmara Municipal com o Padre António Nuno Ribeiro Tavares, em 2001, passando depois pelas mãos do Padre João Maria mas só tendo começado a obra com o Padre Lúcio Alves, a 10 de Dezembro de 2006, tendo a mesma sido acabada em 2008 ainda sobre a sua alçada. A consagração da mesma deu-se a 13 de Junho de 2008.

O Padre Marcelino Dias Marques aparece posteriormente, ficando responsável por alguns pormenores da igreja e pelo pagamento da dívida. Segundo a informação a que o Padre Marcelino teve acesso, através dos registos da igreja e do contacto com a comunidade local, não foram feitos requisitos especiais ao arquiteto, tendo sido dada liberdade criativa ao mesmo.

Custo total 1 980 000€, apoios Direção Geral de Autarquias Locais 92 000€, Camara Municipal de Portalegre 500 000€ (até esta data só disponibilizaram 100 000€), Segurança Social 600 000€, faltam pagar 800 000€ + IVA. Este último valor foi pedido à população para ajudar a angariar. As imagens de Nossa Senhora de Fátima e de Santo António, as únicas existentes na igreja, já existiam antes da igreja. A estátua de Nossa Senhora era da garagem onde se reunia antes de terem esta igreja e a estátua de Santo António veio da igreja de São Tiago, usada como igreja mortuária, em Portalegre. Neste momento o centro de dia funciona apenas parcialmente, mas a creche funciona em pleno.

Dimensões da igreja? Número de pessoas/capacidades?



## **Igreja de Santo António**

A igreja tem capacidade para 300 pessoas sentadas. Segundo o Padre Marcelino “com jeito, dá para sentar mais pessoas em cada banco, ficam é mais apertadas.”

Foi pedido algum símbolo ou particularidade para esta igreja?

Não, mas o arquiteto desde cedo concebeu a ideia da igreja assente sobre a rocha. Numa segunda fase, já posterior à consagração da igreja, foi acrescentada uma cruz no exterior da igreja, junto à rocha. O Centro Social pertence à paróquia de São Lourenço. Este centro social e comunitário de São Bartolomeu é o responsável pelo espaço por um período de cinquenta anos. “O facto de juntar o centro paroquial à igreja foi uma maneira de angariar mais fundos para a construção, bem como aproximar mais a comunidade da igreja. Antes de ser feita esta igreja as pessoas daquele bairro reuniam-se numa garagem para rezar, celebrar a missa e ter aulas de catequese.”

Em termos de espaço interno ou externo havia algum requisito?

Não foi feito nenhum requisito em termos de dimensão ou articulação do espaço.

Havia alguma condicionante para o arquiteto, ou para o seu desenho? (financeira ou algumas das anteriormente referidas)

Na conceção do espaço não foram feitos esses tipos de entraves criativos, embora desde cedo tivesse ficado claro que a construção da igreja estaria dependente das pessoas de Portalegre e das ajudas que pudessem surgir e não só da Igreja. Este condicionamento financeiro surgiu à posteriori na construção, ou adição, de alguns elementos. A cruz no exterior, bem como as cruzes no interior (que marcam as estações da via-sacra) foram feitas mais tarde.

Qual foi a sua reação com o resultado final?

A igreja poderia ter melhores salas de catequese e ter uma sala polivalente maior. As que existem não dão resposta às necessidades. As salas de catequese que não existiam, as salas da residência paroquial estão a ser usadas como salas de catequese, pois esta não está a ser usada como residência. “Não deverá ter sido pedido ao arquiteto que fizesse mais salas ou de dimensões maiores. Acredito que se tal tivesse sido pedido elas existissem. Devido à métrica do espaço não dá para adicionarmos espaços ou alargar os existentes.” A falta de sinalética exterior dificulta a perceção de que se trata de um espaço religioso. Essa perceção só acontece quando as pessoas estão no adro, e através dos vidros veem que se trata de uma igreja. Essas janelas são uma coisa boa, que aumenta a relação interior exterior.



## **Igreja de Santo António**

Qual a reação dos paroquianos?

“Devido à arquitetura do bairro, em que se insere esta igreja, ser diferente daquela da igreja os paroquianos no início não gostavam da igreja e não se identificavam com ela. Foi preciso um trabalho de propaganda por minha parte, a elogiar a igreja para que os paroquianos, com o passar do tempo, se fossem identificando com ela. O número de batismos e casamentos que aí se realizavam eram a prova dessa indiferença para com esta igreja. Esse número aumentou nos últimos anos de forma significativa, sendo perceptível na comunidade a alteração de sentimento em relação a esta igreja.”

O projeto responde à encomenda?

O projeto responde ao programa pretendido, e encomendado, mas não dá resposta às necessidades atuais da paróquia em relação a salas de catequese ou para outras reuniões da paróquia. Os confessionários são demasiado pequenos, não sendo confortáveis para usar. Um deles está a servir de arrumo, para vassouras e afins.

Quais as dimensões e capacidade?

Capacidade para 300 pessoas, como foi referida anteriormente.

### **Em relação ao resultado final:**

Simbologia associada ao espaço, existe?

Existia uma árvore no adro, mas não tinha qualquer simbologia a ela associada, pela informação a que o Padre Marcelino teve acesso. Este castanheiro já não existe nesse lugar pois ele não “pegou”.

Simbologia associada a peças ou pormenores.

Cruz, Pedra e Água atrás do altar são referência bíblica. À construção da casa sobre a rocha e ao batismo. Cruz como que sai da água. (ambas símbolo do batismo)  
(A cruz foi adicionada recentemente, já depois da obra concluída)



# **Igreja de Nossa Senhora de Lurdes**

**Zona, Cidade – Paróquia de Nossa Senhora de Lurdes, Montes Claros, Coimbra**

**Arq. Flavio Barbini e Arq. Maria João Silva**

**Padroeiro/a quem foi dedicada – Nossa Senhora de Lurdes**

19 Abril 2013 – conversa com Padre Carlos Delgado, igreja de Nossa Senhora de Lurdes, Coimbra

## **Questões relativas à obra**

Qual o programa encomendado?

O programa encomendado foi: Igreja e Centro Paroquial; Sacristia; Capela do Santíssimo Sacramento; Batistério; Salas de catequese; Secretaria; Bar; Residência Paroquial; Espaço Polivalente.

O que pediu ao Arquiteto? O que estava à espera de encontrar? Que requisitos foram feitos?

A pergunta “o que estava à espera de encontrar?” não foi respondida com clareza, visto que já não foi possível falar com nenhuma das pessoas que fizeram a encomenda do projeto, visto o Padre Jaime Cunha, responsável da encomenda da obra, já ter falecido.

Dimensões da igreja? Número de pessoas/capacidades?

Foi encomendada uma igreja para cerca de 250 pessoas mas que em cerimónias maiores tivesse capacidade para 500 pessoas.

Foi pedido algum símbolo ou particularidade para esta igreja?

Não foi feito nenhum tipo de requisito neste campo. Foi dada ao Arquiteto a liberdade criativa de conceber a ideia do espaço.

Em termos de espaço interno ou externo havia algum requisito?

Não foi feito nenhum tipo de requisito neste campo além do programa pedido. Foi dada ao Arquiteto a liberdade criativa de conceber a ideia do espaço.

Havia alguma condicionante para o arquiteto, ou para o seu desenho? (financeira ou algumas das anteriormente referidas)

Não foi enumerado nenhum tipo de limitação. Foi dada ao Arquiteto a liberdade criativa de conceber a ideia do espaço.

Qual foi a sua reação com o resultado final?

A obra levou vários anos a estar pronta para ser consagrada. A obra foi encomendada pelo então padre Jaime Cunha 1992, tendo a construção começado só com



## **Igreja de Nossa Senhora de Lurdes**

o pároco seguinte, padre José Moço, mas só foi concluída anos mais tarde, estando a obra parada, durante o período em que o padre Luís Ribeiro esteve à frente da paróquia por motivos financeiros. Esta foi concluída em 2011 já sobre a alçada do padre Carlos Delgado.

A igreja foi consagrada a 20 de outubro de 2011 após ter passado por vários párocos e várias comissões constituídas para auxiliar o pároco e a fábrica da igreja a concluir a construção e conceção da igreja.

O gabinete de arquitetura de Flavio Barbini foi o responsável pela conceção do espaço da igreja, do complexo paroquial e da relação de ambos com a cidade. Por motivos financeiros e de dificuldades de articulação, que daí apareceram, a obra demorou mais tempo do que previsto a estar pronta para a sua utilização. A conceção do espaço é vista por nós como uma coisa positiva e muito interessante. O modo como adro articula com a entrada, através da arcada, o modo como se abre para a cidade ou a relação que os espaços do complexo paroquial têm com ele leva a que este se torne um local de encontro. A última comissão tinha como membros eng. Álvaro Gouveia Melo e a arq. Eduarda Gouveia e Melo.

Qual a reação dos paroquianos?

Os paroquianos identificam-se com a igreja e veem como uma coisa positiva a igreja ter aproveitado o mobiliário da igreja anterior bem como o retábulo da capela do Santíssimos Sacramento (retábulo do séc. XVII oferecido à Paróquia pela família Bobone, mas do qual se desconhece a história), as imagens alusivas à via Sacra e as imagens de Santos. Os paroquianos, bem como o Pároco, criticam a escolha dos materiais que se degradaram com uma rapidez indesejada.

Os materiais que apresentam problemas são alguns mas os problemas que mais rapidamente se identificam são: o reboco a cair em vários pontos da fachada, as madeiras que estão danificadas pelo sol e pela água, o pavimento do complexo paroquial que está fissurado e as paredes que estão danificadas, nas esquinas e junto ao chão, por não possuírem rodapé.

O projeto responde à encomenda?

Embora o projeto responda aos serviços requeridos a forma como alguns desses serviços e funções se relacionam, ou foram solucionados, levantam algumas questões que dificultam a sua utilização ou que a tornam pouco funcional ou desconfortável. Embora o modo como o complexo paroquial articula com a igreja seja posi-



## **Igreja de Nossa Senhora de Lurdes**

tivo, possibilitando a circulação completa do mesmo pelo interior, o modo como as entradas para o mesmo foram projetadas não foi feito a pensar na sua utilização diária. Para o dia-a-dia é mais cómodo fazer o acesso pelo adro e não pela porta junto ao bar, que por ser pivotante já se avariou diversas vezes. Nesse sentido, pormenores como o balcão na secretaria, virado para o corredor, deixam de ter utilidade.

Além destes pormenores, levantam-se outras questões que se tornam caras de manter ou pouco práticas. São exemplo disso os grandes vãos de vidro, ou grandes janelas compridas a alturas de difícil acesso que obrigam à contratação de mão-de-obra especializada para efetuar a limpeza.

Outro pormenor que encarece o uso destes espaços é o pavimento e ausência de rodapé em todo o complexo. O pavimento é pouco resistente, apresentando desgaste e fissuração, em todo o complexo, exceção feita ao espaço da igreja que é pavimentado com madeira.

As salas existentes no edifício têm todas dimensões semelhantes, o que leva a uma limitação da sua utilização, era mais vantajoso para o uso dos paroquianos se elas tivessem dimensões diferentes para serem usadas por turmas de catequese, que têm dimensões diferentes, e para reuniões em que o espaço polivalente é grande e que as salas de catequese são pequenas. Teria sido bom que uma ou duas dessas salas tivessem uma dimensão maior.

A iluminação artificial também é um problema, o edifício tem demasiados pontos de luz artificial, o que encarece o uso diário do mesmo. Ainda no centro paroquial estava prevista a colocação de um elevador, para facilitar a articulação entre os dois pisos, este não ligaria com a cave, mas ele não vai ser colocado por motivos financeiros.

Este espaço embora esteja junto à residência paroquial não está ligado a ela, existindo uma separação que já teve que ser alterada, tendo a comunidade local sido obrigada a construir um plano de vidro onde ele não existia pois o espaço de acesso à residência tornou-se num túnel de vento que em dias de frio, chuva ou mais ventosos se tornava de utilização desconfortável.

A meu ver este não é o único problema na residência. Esta está dividida em 3 pisos e não tem elevador, o que dificulta o seu uso a pessoas com mobilidade reduzida. Esse problema é notório quando se recebe alguém. No piso de estar, onde se encontra a cozinha e a sala, não existe nenhuma casa de banho, sendo necessário descer ao piso inferior para ter acesso a uma.



## **Igreja de Nossa Senhora de Lurdes**

Falando agora do exterior, o modo como o adro está desenhado, o seu pavimento e mobiliário, não se devem a Flavio Barbini, há decisões que já foram tomadas pelas comissões posteriores. Isto devido à cisão entre arquiteto e fábrica da Igreja. Nesse sentido os vasos foram escolhidos por essa comissão por ao mesmo tempo serem bancos e possibilitarem as pessoas a ficarem neste local.

O vaso forma uma cadeira adossada a um vaso. As oliveiras que aí se encontram foram escolhidas por serem árvores que estão o ano todo com folhagem e pelo simbolismo a elas associado. É a partir destas, das azeitonas, que se fabrica o azeite que depois tempera os nossos alimentos que pode ser usado para nos iluminar.

O Pavimento existente no adro não foi bem efetuado e deixa passar humidade para o espaço polivalente que existe por baixo dele.

Ainda antes de falarmos do espaço da igreja podemos reparar num outro erro de construção no edifício. A parede adjacente às capelas mortuárias e à torre, embora de desenho elegante e definindo espaços interessantes arquitetonicamente gerou alguns problemas de humidade. Devido ao seu tamanho foi necessário criar um travamento interior com vigas metálicas que impossibilitam o escoamento das águas que se infiltram o que leva a que a água se acumule, o que leva ao aparecimento de humidade no espaço de acesso exterior às capelas mortuárias e em parte da sala polivalente.

Na nossa opinião a rampa que está localizada neste local não tinha necessidade de ter sido criada, não tem função, tornou-se apenas num ponto de despesa que encareceu a obra.

Entrando agora na igreja temos uma coisa bastante positiva, o desenho das portas. As portas de grande dimensão possibilitam um acesso a eixo em celebrações de maior importância e juntamente com a possibilidade de se abrirem e se anularem todas ao mesmo tempo possibilita realizar uma celebração em que se utilize tanto os dois pisos interiores como todo o adro.

Para celebrações diárias, em que a assembleia tem um número mais reduzido, e em que a entrada não necessita de ser a eixo, a entrada pode ser feita por duas portas mais pequenas que não se encontram viradas para o eixo principal da igreja, possibilitando assim uma entrada faseada na mesma, fazendo com que o seu utilizador faça um percurso de aproximação ao espaço celebrativo.

Para começar a igreja poderia ser um pouco mais profunda, deveria haver mais espaço à frente do altar. Assim pode ser positivo, pois cria uma proximidade maior entre a plateia e o presbitério mas um pouco mais de pro-



## **Igreja de Nossa Senhora de Lurdes**

fundidade não anularia isto e daria maior importância ao espaço do altar. Outra questão positiva neste espaço todo é o modo como a luz natural se espalha e destaca o altar, entrando de forma indireta, mas mesmo assim poderia ser dado maior destaque a esta área. Falta algum tipo de elemento que atribua maior destaque ao altar, segundo algumas pessoas. Os confessionários estão muito pequenos e escondidos.

Quais as dimensões e capacidade?

250 a 500 pessoas com a hipótese de abrir as portas para o exterior e utilizar o espaço do adro durante a celebração.

### **Em relação ao resultado final:**

Simbologia associada ao espaço, existe?

O modo como a luz natural entra de forma zenital na zona do altar dá-lhe destaque em relação ao resto do espaço da igreja.

Simbologia associada a peças ou pormenores.

O altar e o ambão foram desenhados propositadamente para este espaço pela Arquitecta Eduarda Gouveia e Melo.

### **História da igreja e da paróquia**

Esta paróquia surgiu no final do séc. XIX a quando do surgimento de um bairro operário. Criou-se uma capelinha dedicada a Nossa Senhora de Lurdes, através de financiamento da rainha Dona Amélia. O bairro foi destruído mais tarde mas a capela ainda perdurou até que foi mais tarde destruída, último vestígio do bairro a ser demolido, e substituída pela igreja anterior a esta, que neste momento assume funções de sala polivalente e sede de escuteiros.

Dessa altura há ainda, neste momento no exterior da igreja, uma imagem do Coração Imaculado de Maria, de fabrico artesanal atribuído a um paroquiano do bairro operário. Essa imagem esteve para ser substituída por uma outra adquirida pela congregação de padres italianos que foi responsável pela paróquia, e que mandou edificar o edifício anterior, mas essa imagem não foi aceite pela população local, que tinha alguma afetividade pela imagem anterior.